

367º aniversário de Taubaté

**RENA O
EIXEIRA**

canta Taubaté



Nicole Doná



O CIESP TAUBATÉ, criado em 1951, participa e acompanha o desenvolvimento da cidade de TAUBATÉ e faz parte desses ricos e progressistas 367 anos de fundação da cidade.

Taubaté é o segundo maior polo industrial e comercial da Região Metropolitana Vale do Paraíba e Litoral Norte, contando com indústrias de todos os portes e segmentos.

Terra de Monteiro Lobato, Capital Nacional da Literatura Infantil, Cidade Universitária, entre tantos outros destaques, TAUBATÉ desempenhou, no ciclo

de ouro, papel importantíssimo na evolução histórica do Brasil, sendo irradiadora de bandeirismo e fundadora de várias cidades.

Temos orgulho de participar de seu crescimento nas últimas seis décadas, marcadas por conquistas e crescente desenvolvimento.

Razões não faltam para enobrecermos a nossa TAUBATÉ e saudá-la efusivamente pelas comemorações de seus 367 anos, especialmente destacados na homenagem desta Edição Especial do CONTATO, com o tema Renato Teixeira Canta Taubaté.

Parabéns TAUBATÉ! Parabéns Jornal CONTATO!

RENA O EIXEIRA

canta Taubaté

Patrocínio:



Cantando nossa História

Taubaté é uma cidade privilegiada. São muitos os intelectuais e artistas que formam a constelação de personalidades que promovem as artes locais por todo o território nacional e em muitas outras partes do nosso planeta.

Renato Teixeira faz parte desse corpo estelar. Onde quer que se apresente, ele faz questão de ressaltar sua origem. E quando descobre algum taubateano na plateia, Renato anuncia sua presença e conta alguma história. Virou um contador de histórias.

Foi assim que o Jornal CONTATO se transformou no veículo que registrou as passagens deliciosas produzidas por Renato em sua coluna semanal ao longo dos últimos anos. Foi assim que, aos poucos, foi construída uma obra original: uma parte da história de Taubaté cantada em músicas criadas por um apaixonado pela cidade, pelas marcas que caracterizam a urbe, seu povo e, o mais importante, seus amigos. Foi assim que conjuntamente decidimos homenagear a terra de Lobato, Cesídio Ambrogi, Gentil de Camargo, Clodomiro Amazonas, Anderson Fabiano, Geni Marcondes, Demétrio, Mestre Justino, Mazzaropi, Celly e Tony Campello, Hebe Camargo e muitos outros, com o resgate de um pedaço de nossa história.

Renato idealizou um projeto magnífico do qual esse caderno e o CD que o acompanha são apenas a ponta de um iceberg. Portanto, a merecida homenagem a Taubaté pela passagem do seu 367º aniversário está apenas começando. É a nossa contribuição para o fortalecimento do orgulho de ser taubateano. **■**

Realização:

jornal **contato**

Expediente

Diretor de Redação: Paulo de Tarso Venceslau
Repórteres: Marcos Limão, Vitor Ferrero
Colaborador: José Carlos Sebe Bom Meihy
Revisão: Alfredo Ortiz Abrahão
Diagramação e artes: Nicole Doná - nicoledona@gmail.com
Impressão: Resolução Gráfica



Nós do poeta Renato Teixeira

por José Carlos Sebe Bom Meihy

Tudo pode o poeta. Tudo, ainda mais quando é cantor! Mas de que matéria é feito seu alento melhor? De devaneios, certamente. Algumas vezes também de tristezas, mágoas, amores inviáveis, desafios e desafetos. Contudo, como vibram os acordes quando cantam saudade... ah, a saudade! Saudade do que fomos, daquilo que gostaríamos de ter sido e, ilusoriamente, até do que almejamos ser daqui para frente.

Arquitetando nossa identidade em construção musical, já nos foi dito em "Romaria" que "É de sonho e de pó / o destino de um só / feito eu, perdido em pensamento, sobre o meu cavalo / é de laço e de nó / de gibeira o jiló / dessa vida cumprida a só".

Nosso Renatinho, ao poetar sua história, desenhou linhas ternas e, com fios coloridos, fiou a vida dele/nossa. Dizendo o que precisamos ouvir para tecer nosso sentimento de pertença, a Taubaté *renateada* é um pouco lenda, sonho e éter. Nos contou cantando e, assim, se disse num reconhecimento feito "mitobiografia". E seguiu a sina mandada pelos crentes "me disseram, porém / que eu viesse aqui / pra pedir em romaria e preces / paz nos desaventos / como não sei rezar / só queria mostrar / meu olhar, meu olhar, meu olhar". E o que vemos? Uma história toada em épico verso caipira, e tudo heroicamente simples, lastreado pelo reconhecimento de lugares, pessoas, situações, sentimentos repostos.

Memória solta, feita em palavras, flanando num passado de surpresas medidas. E aí aparece o amor do menino, que saído da beira mar, pede em troca, no interior taubateano, para que a "Menina dos olhos azuis" não o deixe nunca, "jamais, pois meu amor é sincero... é sincero demais". Felizmente para nós, esse amor foi desamparado e, ventura nossa, outros tantos se fizeram canções de vigor igualmente fátuo, desfeito na eternidade de seus momentos.

Alguns casos revelados, como o de "Celina" que sequer soube que para nosso bardo um dia foi "Rainha do asfalto". Para quem veio da praia, de sua Ubatuba, a moça ainda ficaria "mais bela no alto", posto que no garoto recém chegado para estudar em Taubaté ardia a "voragem da paixão". De modo meigo, sobre ela segredou por fim "sem você, eu vou morrer". Os céus taubateanos foram clementes, e ele não morreu. Pelo contrário, multiplicou ardências e, num inventário de peripécias românticas, concluiu em "As garotas do TCC" que "em

Ubatuba, a gente era a sombra e a luz, em Taubaté, a vida me seduz". Finalizando, sem revelar quem era a eleita, entregou que "entre as garotas lá do TCC, a escolhida foi você". Não só romances locais rondaram nosso poeta. "Miss Jane", paixão forasteira, assediou também o amante cantor, que pontuou, em verso filosófico, "saudade, saudade / de tudo que eu não esqueci / pureza, revolta / a vida inteira é isso aí / Você conhece como eu sou / Eu sei como você é / dois lados do Vale / Barra Mansa e Taubaté".

Mas se os amores se multiplicaram, a devoção pela cidade perviveu no delicado retrato, pleno de cantos e recantos. Sim, improvável pensar em Renato Teixeira sem identificá-lo com os espaços afetivos eleitos, de uma Taubaté quintessência de seus carinhos. Em "Merencória", deixa esparramada a façanha familiar que teve o Vale como cenário, e assim confessa "Lá, na casa de meus pais / uma janela aberta, e o mundo na cabeça" e mirando o pretérito perfeito, vislumbrava com benevolência "o que ficou pra trás: a Rádio Difusora / e o Supermercado onde trabalhei". Choramingando palavras, enxugadas suas lágrimas férteis, acena para certo devir "tomada a decisão, tratei de esquecer / a capital do Vale, a terra de Celly / a minha Taubaté".

Mas trovador renitente, Renatinho retraça lugares de memória. Ainda me lembro do impacto que tive ao ouvir pela primeira vez "Feira de trocas" e me arrepio ao resignificar as "coisas velhas pelo chão, onde o que já foi usado tem alguma servidão / coisas da guerra, relíquias da minha terra / peças de grande valor, dos tempos do imperador". E o que dizer do arremate "mas não procurem, quer por dor ou vaidade, nos artigos dos feirantes, encontrar felicidade"? Do mercado ao "Morro da Imaculada" se delinea o mapa da paisagem emocional do nosso cantor. No "alto" a legenda da vida ganha espaço mítico e as tradições repontam em "Divino, congada e moçambique também/ no morro da Imaculada a sorte é daqueles que andam/ com os sinos de São Salomão".

Síntese completa da epopeia pessoal, aquela Taubaté é alargada para o Vale como um todo, e seu coração se dilata no consolo de canções que o explicam dizendo "Eu só quero estar, eu só quero olhar... e viver lá no Vale / De noite eu pegava um violão / e compunha umas coisinhas, só e são/ E tudo que eu vivi, e tudo que sonhei, eu trago guardado no fundo do meu

coração". Emoções incontidas...

Povoada de personagens de um mundo quimérico, a urbe suposta tem vates magistras como o revelado em "Cesídio Ambroggi, você!". E tange a composição "Príncipe dos Sonhos / domador de versos / amigo leal da emoção". Como outros, fomos fertilizados pelo professor, que soube poetar, dizendo "Basta uma mentira / pra fazer a vida acontecer". Em "Eu Ney, sentados na ponte", toda a procissão de amigos se funde na figura de Ney e, como em coro, Renato legendou o passado num sussurro amável "eu e Ney fomos iguais a esses mocinhos de cinema / que vão pro bang bang / atiram, atiram / e a bala nunca acaba".

Temos também "A igreja matriz do Padre Evaristo", pintada "branca, de longe na praça", e nela se nos permite entre ouvir "as torres sonoras / molduras da lua" e vemos o desfile das "velhas senhoras em trajes discretos". O mercado municipal não poderia ficar ausente de seus nostálgicos versos. Até vejo um pouco da minha história pessoal no trajeto de "O turco do mercado". Ouço mansamente a voz do amigo, recitando a história de certo Salim, que "vende tecidos, vende relógios / vende anéis de noivado" e completando que "de aventura em aventura / um dia a sorte lhe sorriu" e como a cidade toda, o turco do mercado contabiliza que "já foi mascate".

Dimensão de seu devotamento por Taubaté, "A primeira vez que fui ao Rio" narra a alegria da viagem com o pai amado, "Numa Rural já bem usada / nos pusemos na estrada muito longa / que nos leva ao Rio de Janeiro". A síntese do enredo do cancionário taubateano de Renato Teixeira se comporta no "Álbum de Família", onde aprendemos que se via a vida em "espanto / pois não compreendo / porque ela correu tanto" e por fim vislumbra que "hoje o resultado / Deus do céu / vale tão pouco / nada mais existe / do menino aprendiz / que levou a sério / o que todo mundo diz / desbotou com o retrato / aquela alma ensolarada / tudo que é querer se foi / ficou o querer nada".

Por fim, o título: "nós do Renato Teixeira". Nós duplos, diga-se. Polissemia misteriosa. Não apenas os nós atados, de linhas que se amarraram. Nós pronominal também. Nós de atados fios de memória e de todos nós, pessoas. Nós de Taubaté, que aniversaria e leva de presente o presente que é o cantor que reza seu passado na história da cidade. E nós, que aprendemos a amar no amor do cantor que canta para nós. **C**



Entrevista COM Theodoro Israel

Ideólogo musical de Renato Teixeira, Arraiel Theodoro do Prado assinava Theodoro Israel quando era um dos músicos do Trio Turuna, que encantou e embalou sonhos e paixões de muita gente durante vinte anos, de 1954 a 1973. Renatinho ainda acalenta um sonho: cantar junto com Theodoro e Luiz, filho do saudoso e inigualável Anacleto Rosas Junior.

Renato Teixeira conta que você o influenciou musicalmente. Como foi que ele se aproximou de você?

T - Eu me lembro [que] quando trabalhava na Rádio Cultura eu era discotecário e ele fazia locução. As conversas eram todas na discoteca, onde Renato gostava muito de ir. Falávamos de música. A gente passava horas e horas na discoteca. Na época, ele era apaixonado por Bossa Nova.

Ele diz que você mudou a vida dele.

T - Não me lembro de ter tido tanta influência assim, mas ele defendia a Bossa Nova e eu defendia a música sertaneja, que tem corpo, tem uma história, sempre

com boas duplas que a representam muito bem.

Música sertaneja e caipira são a mesma coisa?

T - Mesma coisa. Hoje mudou muita coisa. A [música] sertaneja é [até] sertanejo universitário... Na minha época o que era sertanejo era sertanejo mesmo. De raiz! E naquela época Renato tinha alguma coisa com Jovem Guarda, mas ele gostava muito de Bossa Nova, Vinícius [de Moraes], [Tom] Jobim.

O que era a música caipira para você? Era muito diferente da Bossa Nova?

T - Muito diferente. A Bossa Nova conta as coisas da cidade e a música caipira é do sertão, música da roça, do

caboclo, que era o meu universo. Eu também sou caboclinho da roça. Só ouvia o sertanejo. Não ouvia outro tipo de música. Talvez seja por isso que demorei para me adaptar; embora trabalhasse na discoteca, eu tinha obrigação de dar uma ajeitada na coisa. No fim, acabei gostando também, mas sempre falei para o Renato que [a Bossa Nova] não era o universo que ele queria, que o levaria ao sucesso que ele faz até hoje.

Por que você achava que Renato não faria sucesso com a Bossa Nova?

T - Hoje eu nem sei por que. Mas eu tinha certeza que se o Renato mudasse, ele iria fazer sucesso. Mudou e fez sucesso mesmo, não é?

O que você fez para ele mudar?

T - Apenas conversava, trocava ideias, falava as vezes de algumas músicas do Anacleto. Foram essas e outras músicas de Anacleto que influenciaram muito Renato. Ele foi para São Paulo e lá acabou de certificar-se que a música sertaneja iria ser o seu universo.

Teve uma época em que você foi trabalhar na Ford e o Renato veio procurá-lo. Como foi essa história?

T - Alguém na Ford falou que tinha uma pessoa na portaria à minha procura. Era o Renato. Perguntou a que horas eu saía. Falei que era às 22h. Quando saí, fomos para casa, cantamos uma porção de músicas. Ficamos até de madrugada conversando e cantando. Ele queria que eu fosse para São Paulo porque ele tinha assumido a direção artística e de produção da gravadora Phillips e queria muito fazer um estilo Sérgio Reis, que estava começando. Falei: 'não posso, eu não tenho condições de deixar minha família aqui, não tenho familiar nenhum, o único da família sou eu, o resto da família mora no Paraná,

tenho que mandar dinheiro [para eles]'. Ele disse: 'não tem problema, rapaz, eu tenho uma caixa de sapato cheia de dinheiro até o bico e é nosso'. Falei: 'tá muito bom Renato, você tem dinheiro, mas eu não posso aceitar. Estou numa época em que não posso arriscar. Se eu estivesse sozinho eu arriscava, mas não sou sozinho; tem as crianças e a patroa'. Acabei não indo. Ele se ajeitou logo, ele fez Romaria que estourou, graças a Deus.

O Turuna começou com dois, ou já com três músicos?

T - Começamos com o trio e o Anacleto [Rosas Jr.] é quem regia "a orquestra". Tinha música que a gente cantava com os Dois Turunas, depois entrava a Cleusa e formava-se o Trio Turuna. Fazia-se de conta que eram dois conjuntos.

Em que ano começou?

T - Logo quando vim para cá, em 1954.

Quantos LPs vocês gravaram?

T - Acho que foram quatro ou cinco, não lembro mais.

As músicas eram do Anacleto?

T - Nem todas. Algumas eram minhas e do Luiz, mas a maioria era dele.

Castelo de Areia, que não era dele, fez muito sucesso.

T - Era do Carreirinho e que também fez bastante sucesso.

Caçulinha participou de gravações?

T - Num LP, ele acompanhou com sanfona, acompanhou nos boleros. Também foi ele quem acompanhou em Timidez e Esta Noite te Espero. Nós fizemos um LP em que ele acompanhou todas.

Vocês faziam shows em toda Região?

T - Vale do Paraíba, Sul de Minas, Litoral. Teve lugares que fomos cinco vezes, dez vezes.

Em São Paulo também?

T - Fizemos televisão duas vezes, se não me engano, no programa do Geraldo Meirelles, na Tupi, e o outro no Júlio Rosemberg.

Quanto tempo durou o Trio Turuna?

T - De 1954 até 1973. A Cleusa parou logo, acho que parou em 1959 por que se casou. Eu e o Luiz, os Dois Turunas, ficamos 20 anos praticamente.

Vocês vendiam muito disco?

T - Na época não se vendiam muitos



discos, mas quem vendesse 1.000, 1.500, 2.000 era um campeão, um sucesso.

E como era a recepção dos Turunas em outras cidades?

T - Era diferente dos shows de hoje. Nós íamos, cantávamos e contávamos piadas. Primeiro entrava o Anacleto, depois chamava os Turunas, eu e o Luiz; cantava e contava umas piadas depois vinha a Cleusa. O Trio era muito bem recepcionado. Nosso show, sem falsa modéstia, era o campeão de bilheteria, e fazia sucesso em Taubaté também.

O Anacleto fez duas músicas em que a história é a mesma: Na Ponta do Reio e Surrei de Chicote. Porque?

T - Já pensei nisso, mas nunca comentei. Ele fez o Surrei de Chicote e deu para o Tônico gravar e ele mexeu muito na letra, então a letra que gravamos é completamente diferente da que o Tônico gravou, eu acho que foi por isso que ele quis que a gente gravasse. Na Ponta do Reio ele fez bem depois, mas o Anacleto era muito inspirado. Quem é compositor

faz música durante uma temporada, mas depois parece que esgota. Anacleto, não.

Sabia que o Renato gravou Mestiça, do Anacleto?

T - É, até o Luiz me avisou.

Renato gravou também Flor Mato-Grossense.

T - Não sabia não. Eu vi que ele gravou uma coisa linda que foi esta série que ele fez com o Sérgio Reis. Parece que até ganharam um prêmio.

Você morou na casa do Anacleto?

T - Quando vim pra cá, morei na casa dele até casar, em 1960. Morei seis anos na casa dele.

Como você se apresentaria para quem lhe perguntasse: quem é o senhor?

T - Nasci em 31 de agosto de 1934, onde hoje se chama Cássia do Escoteiro, perto de Ribeirão Preto. Sou o Arraiel, que veio do Paraná pra fazer o Trio Turuna a convite do Luiz Rosas que é filho do Anacleto; fizemos o Trio durante muito tempo com a irmã dele participando. Depois de um tempo, achamos

conveniente dar uma pausa e essa pausa perdura até hoje.

Cantava no Paraná?


T - Sim. Eu tinha dupla lá - Theodoro e Dorico - com o meu irmão, em Cornélio Procópio.

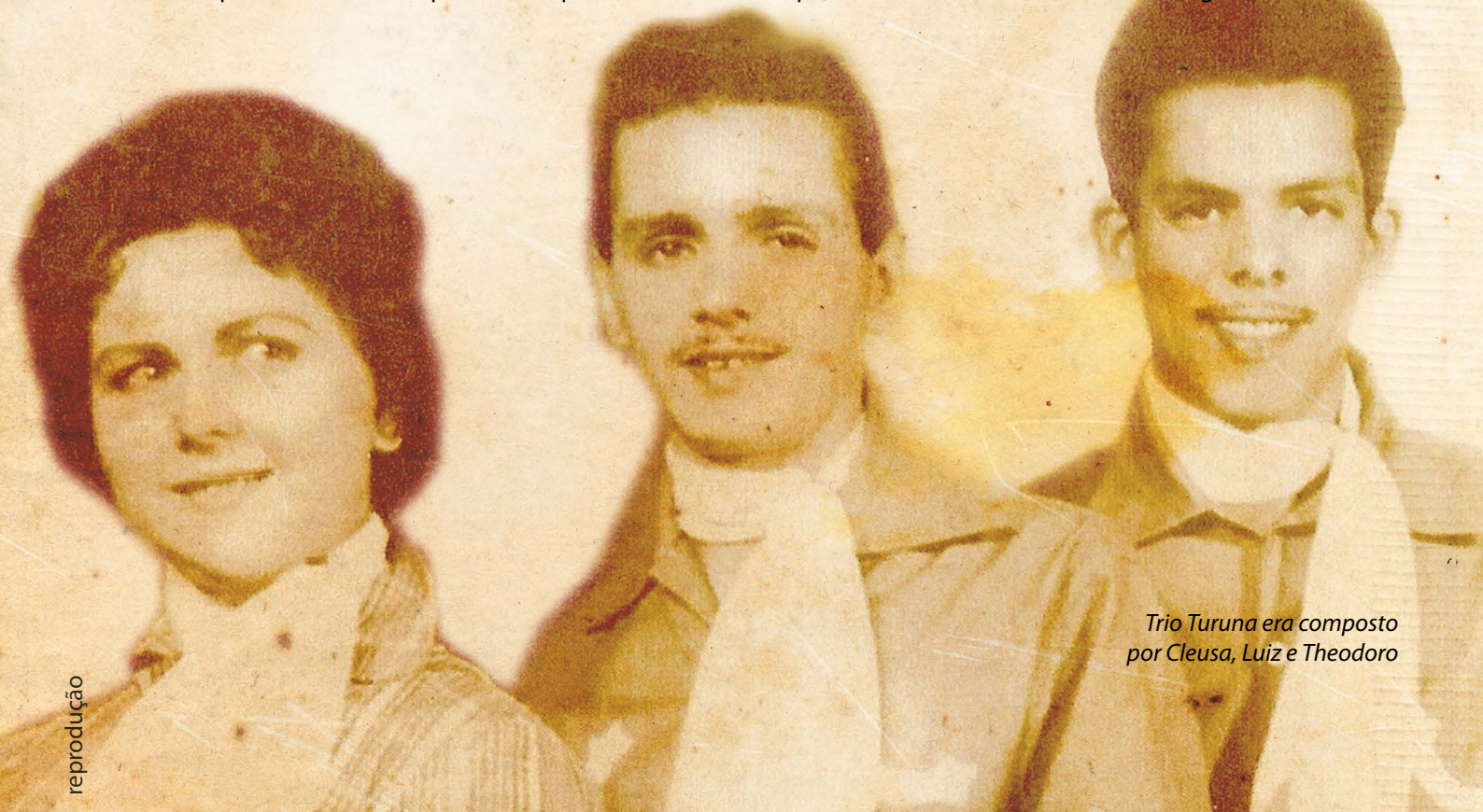
Qual voz você fazia?

T - Sempre fiz a segunda voz.

Ganhava-se dinheiro naquela época?

T - Ganhamos bastante, mas gastou-se tudo também, e não se ganhava como agora.

Depois da entrevista, Theodoro nos ligou para informar que havia se esquecido de dizer que os Turunas gravaram com a Altamiro Carrilho e sua Bandinha a valsa Pombo Correio, do Anacleto e Ivo Signorini. Fez questão de registrar a participação do grande Altamiro nesse disco dos Turunas. Perguntamos então se Presépio da Serra tinha sido também gravada com o Altamiro e ele disse que não, que havia sido como o Robertinho do Acordeon e seu Regional. 



Trio Turuna era composto por Cleusa, Luiz e Theodoro

reprodução

**UNITAU CELEBRA
367 ANOS DE TAUBATÉ!**



UNITAU
Universidade de Taubaté

Breve lançamento



IDÉALE

WORK

LIVE

PLAY

O local ideal para você.



m tm publicidade

Perspectiva artística da fachada.

TRABALHAR

Salas comerciais
de 34 a 64 m²

MORAR

Aptos de 58 a 93 m²
1 a 3 dorms com suíte

DIVERTIR

Espaço com
15 lojas no térreo

O ÚNICO COMPLEXO MULTIUSO NA REGIÃO.

Planejado para trazer inovação e modernidade,
além de mais qualidade de vida para todos.
O Idéale reúne todas as atividades que englobam
seu dia em um único endereço.



www.idealetaubate.com.br/JC

Mais informações: (12) 3633.5599

Projeto:

Kobbaz
arquitetura

Realização:

hm
balonas menano
BRASIL



LADEIRA MIRANDA
ENGENHARIA E CONSTRUÇÃO

Material preliminar de pesquisa de mercado. Imagem ilustrativa.

Foi em 1959 que mudamos de Ubatuba para Taubaté. Meu pai era funcionário da Casa da Lavoura e foi transferido para cá. Uma mudança bastante oportuna, pois eu e Roberto, meu irmão, estávamos nos avizinando da idade de cursar o ginásio e lá em Ubatuba só tinha grupo escolar.

Em Taubaté, nossa primeira casa foi na rua Professor Moreira, nas proximidades da praça Santa Terezinha.

Em Ubatuba morávamos na rua Jordão Homem da Costa; uma casinha linda, com um quintal enorme alugada de dona Lolita, segunda esposa do

eu queria mesmo era rever Celina. A irmã mais velha já era uma moça e eu um menininho caçara de onze anos apenas. E estava apaixonado por ela. Meninos se apaixonam pela professora, mas eu estava amando a filha mais velha do vizinho.

Como nessa época eu já andava compondo umas cançõezinhas, criei coragem e fiz um bolero inspirado nas tendências de então, onde Nelson Gonçalves imperava com suas sagas apaixonadas.

Com certeza Celina nunca percebeu minha paixão infantil, mesmo porque

Celina

inesquecível Alberto Santos, varias vezes prefeito da cidade e político muito influente na região.

A casa da frente era da família de seu Nivaldo Righi, um industrial taubateano. Seu Nivaldo tinha cinco filhos: José Henrique, Nivaldinho, Celina, Marília e Vitória.

Durante o ano minha mãe ficava encarregada de manter a casa dos Righi sempre arejada e bem cuidada e quando ia chegando o período das férias era aquela correria para preparar a casa para a chegada dos vizinhos. A esposa de seu Nivaldo elogiava minha mãe pelo cuidado com que ela cumpria o compromisso de cuidar da casa. Jacy sempre foi uma mulher zelosa. Até hoje, do alto de seus quase noventa anos e lidando com a memória já bastante senil, minha mãe continua extremamente caprichosa.

Mas era hora da nossa família subir a serra e pular para dentro do Vale, deixando para trás minha infância praieira, livre como só lá por aqueles tempos era possível ser.

Assim que chegamos a Taubaté fui visitar Nivaldinho, que era mais meu amigo, já que tínhamos mais ou menos a mesma idade. Brincamos um pouco e eu conheci a linda casa onde eles moravam.

Na verdade, minha ida à casa dos Righi tinha sim a intenção de ver o meu amigo Nivaldinho, mas no fundo o que

talvez só meus pais tenham ouvido a canção e não fizeram a ligação. Talvez até tenham percebido alguma coisa, mas respeitaram a minha privacidade de menino apaixonado.

Celina casou com o Fernando, que trabalhava com meu pai no DAEE. Quando fui a São Paulo conversar com Walter Silva para discutir o início da minha carreira, o saudoso Fernandão estava junto e bastante animado com o fato de me ver prestes a começar a vida artística. Eles iam sempre a São Paulo a serviço e eu peguei uma carona. A animação do Fernando e o carinho com que falava sobre essa nova possibilidade de vida que se abria à minha frente, contrastavam com o ar meio preocupado de meu pai, prestes a entregar o filho ao seu destino.

Como estou preparando minha tese musical sobre Taubaté que será lançada num CD e DVD, me reencontrei com o meu bolero Celina e a música ressurgiu plena e bela de dentro de minhas lembranças mais bonitas. A letra é infantil, mas tem o perfume da perenidade pela sinceridade com que foi composta. Posteriormente, quem quiser poderá ouvi-la com melodia e arranjos quando finalmente as gravações estiverem prontas.

Aproveito para mandar um beijo pra Celina e para todos os Righi, dos quais tenho as mais calorosas lembranças. ■

Celina

*Vim de trás daquela colina
Pra ver seu rosto Celina
Tão conhecido entre a gente de lá
Tu és a rainha do asfalto
Fica mais bela no alto
Pretendo pra colina te levar
Celina
Com toda sinceridade
Isso é amor de verdade
O que eu sinto por você
E a voragem da paixão
Devora o meu coração
Celina
Sem você eu vou morrer*

A igreja matriz do Padre Evaristo

foto original: MISTAU

Inicio dos anos 1960 e ainda adolescente, fui estudar no Colégio Diocesano Santo Antônio. Tenho duas memórias desse tempo: uma bastante positiva diz respeito à arquitetura. Não sei o ano da construção do colégio já que as pessoas usam, mas não reparam. Detalhes importantes como estilo, projeto, intenções, etc., isso ninguém trata de contar.

É como as instalações, por exemplo, do belíssimo prédio do Bom Conselho, administrado pelas freiras, representando o lado feminino do ensino católico na cidade; hoje é a sede da prefeitura e a impressão que se tem é que o prédio já se descaracterizou nas mãos dessa espécie de gente que tem coragem de se envolver com o submundo da política.

Ao que parece, poucos amam nosso patrimônio arquitetônico. Vejam a situação da Vila Santo Aleixo e do magnífico prédio da Casa da Lavoura. Estão lá, à deriva e expostos à sanha inculca dos especuladores. Um dos maiores crimes culturais praticados contra nossa história foi a demolição da casa dos Campello na Praça Santa Terezinha para a construção de uma farmácia. Ninguém pensou que ali viveram Tony e Celly, figuras fundamentais na história musical do povo brasileiro.

A Capela do Diocesano é linda, digna e serena. Inesquecível para quem, mesmo sem gostar, assistia missas e fazia ali as orações diárias que davam início às atividades.

O lado negativo da minha relação


com o Diocesano se dava no aspecto conceitual. Queriam que eu fosse um católico do jeito que eles achavam que deveria ser um verdadeiro praticante.

Não me lembro de ter encontrado nessa vida situação tão humilhante como aquela onde os padres obrigavam os alunos a assistir missa aos domingos e depois levar a carteira de frequência para o celebrante assinar. Burrice, ignorância, prepotência, falta de sensibilidade, etc. Eu odiava essa obrigação. Então, só me restava mentir. Ficava ali na praça e depois levava a carteira para o padre assinar.

Foi assim que um dia na sacristia da catedral, em defesa dos meus direitos de fazer o que me fosse mais conveniente, eu disse para o padre Evaristo que havia assistido a missa das dez quando essa nem havia começado. Fui expulso do templo aos gritos de "Demônio", "Satanás", "Pecador Maldito", etc. Ainda um menino, saí de lá me sentindo o mais ínfimo dos seres humanos.

Não havia como deixar barato essa humilhação suprema pela qual passei. Teria que haver um jeito de mostrar que eu estava muito longe de ser qualquer uma dessas coisas de que fui acusado, porque pelo meu coração nunca passou maldade alguma. Eu até hoje ainda continuo um puro, graças a Deus.

Então, compus uma canção. Sempre foi assim. Taubateamente eu me vingo do padre com uma canção sutil. Gosto tanto dessa música que passei a ter até certa simpatia pelo padre que, com certeza, devia estar estressado naquela manhã de domingo. Quem sabe

tivesse levado uma bronca do bispo, ou qualquer coisa assim. Acabei por perdô-lo como um bom cristão. 

A igreja matriz do Padre Evaristo

*A igreja matriz do Padre Evaristo
Que branca
Ao longe*

*Na praça eu avisto
Com as torres sonoras
Molduras da lua
Viveu sua vida
Pros homens da rua*

*Aos fartos da vida
Esquecidos da fé
Que alegrem falantes
O vizinho café
É coisa mais séria
...é só o que é!*

*E aos pobres que habitam
Aom certa arrogância
As portas do templo
Sem dar importância
É quente por fora
...por dentro é distância!*

*Pras velhas senhoras
Em trajes discretos
Que vão lá seriamente
Buscar seus afetos
É toda infinito
...e acaba no teto!*



Eu e Ney sentados na ponte

Meu pai, Renato de Oliveira, o Cabeu, como os amigos o chamavam, era funcionário do Departamento de Águas e Energia Elétrica. Chefe de sessão. Esse era seu cargo e o salário não era grande coisa. Mas, por aquelas épocas, até que dava pra se viver com dignidade; mesmo aqueles que ganhavam salário mínimo. O povo lá em casa sempre foi comido e nunca dávamos um passo maior que a perna. Portanto, tudo sempre correu bem pro nosso lado. Não que tivéssemos tudo o que queríamos. Carro, não tínhamos, e a TV, comprada na casa Fonque, tinha sido o resultado de uma complexa estratégia contábil.

Um dia foi possível realizarmos o sonho da casa própria. Fomos morar no Jardim Russi, na rua Alcaide Mor Camargo. A casa foi comprada na Imobiliária Danelli e ficava ao lado da casa de seu Hodges e dona Betty, exatamente os proprietários da imobiliária.

Num determinado momento, eu podia me sentir um cara inserido na roda da moçada mais atuante na sociedade taubateana. Não que minha família tivesse recursos financeiros suficientes para que eu pudesse me sentir tal e qual alguns amigos abonadíssimos. Longe disso. Mas isso não tinha importância alguma.


A igualdade afetiva que compartilhei durante toda a juventude e adolescência taubateana é, até hoje, uma das mais caras lembranças desse tempo gentil

vivido em Taubaté, quando meu pai ainda era um jovem e minha mãe plena de energia familiar, nos unindo e fazendo nossas vidas fluírem dentro de uma normalidade sã. Nunca meus amigos se deixaram influenciar pelo salário de meu pai, que apenas dava pro gasto.

Um dia pressenti que precisava ser sócio do TCC porque era lá que ia a maioria dos meus amigos. Meu pai se virou, falou com alguns amigos e pronto; eu e meu irmão já podíamos frequentar o TCC e usufruir das estruturas do clube.

Ney Ragazzini, meu amigo mais efetivo, também se articulou junto ao Linquinho, filho de dr. Lincoln, presidente do clube, e entrou como sócio atleta. Não que Ney fosse um atleta propriamente dito. Era sim um excelente atleta social, imprescindível a qualquer clube que tenha um mínimo de charme. O Country Club tinha essa virtude. Sabia identificar o personagem que lhe fosse conveniente. Ai entrava até como sócio bolicheiro, se é que existe uma categoria assim.

Um dia fiz uma canção falando desse momento, uma canção que me agrada muito e que pessoalmente considero meu trabalho mais completo. Consegui congelar um tempo e deixá-lo fluindo sobre a minha cabeça.

Aí vai a letra. Se você se identificar, com certeza perceberá o quanto foi belo e generoso o tempo em que a terra de Lobato não passava de setenta mil habitantes e dançávamos alegremente ao som do Ritmos OK! 

Eu e Ney sentados na ponte



*Sentado na ponte
Que corta a cidade
De fio a pavio
Lá ficava Ney me esperando
Com seu assovio*

*A gente então
la pra cidade soltar a fera
Que numa certa idade
Todo peito encerra*

*Bares e bilhares
E os demais perigos dessa vida
Que numa certa idade
É nossa melhor amiga*

Sentado na ponte... etc

*A gente era tão duro
Que nem para uma lambreta velha dava
A gente então se olhava
E imaginava*

*Eu e Ney fomos iguais
A esses mocinhos de cinema
Que vão pro bang bang
Atiram, atiram...
E a bala nunca acaba*



COMPRE ONDE ELES COMPRAM



Concorra a um carro BMW 116i
R\$ 300 = 1 cupom
De 20/11 a 24/12 consulte o regulamento

cielo COMPRE NA MÁQUINA DA CIELO E GANHE CUPONS EM DOBRO.

Natal
TAUBATÉ SHOPPING
f taubateshoppingcenter



Feira de trocas, breganha

Confesso que já me escapou da memória a maioria das informações que eu possuía sobre a feira da breganha. Quando ainda morava em Taubaté, procurava nos livros dados sobre esse evento que em minha opinião é o que a cidade tem de mais autêntico a respeito de seu perfil. A ideia de um posto de trocas onde os objetos em desuso para uns se transformam em utilidade para outros é uma comodidade humana que existe desde os primeiros tempos sociais.

Certa vez, no final dos anos sessenta, Gilberto Gil foi comigo pra Taubaté passar um fim de semana. Naquela ocasião, ele era casado com Nana Caymmi e enquanto ela se enterrava numa maratona de jogo de buraco com meus pais, eu e Gil saímos pela cidade para curtir as coisas que eu

conhecia e que de certa forma eram características nossas.

Fomos à Imaculada visitar os figureiros, tentei em vão achar alguma comemoração tipo Fandangos e Congadas e acabamos na breganha, onde Gil colocou seu relógio na roda e depois de uma bicicleta inglesa enferrujada, um radinho de pilha sem antena e algumas outras bugigangas, ele chegou novamente ao relógio, que por sinal era presente de seu pai e ele não queria se desfazer daquilo em troca de um prego torto ou um disco 78 rpm lascado.

Depois fomos ao TCC e ele encantou a moçada num espetáculo inesquecível no salão nobre, tocando sem microfone, apenas violão e voz. Quem assistiu aquilo com certeza jamais se esquecerá. Ele ainda não era esse Gilberto Gil todo que

hoje o mundo reverencia, mas naquela manhã de domingo o elegante salão onde os associados realizavam suas mais sofisticadas festas parecia um quiosque de praia. Todo mundo que estava na piscina subiu as escadas em trajes de banho e o bicho pegou pra valer. Gil incendiou o ambiente com sua energia; estava absolutamente encantado com a experiência da breganha. Dia desses nos encontramos numa solenidade e relembramos daquele fim de semana.

Botinas, óculos, ferramentas em geral, joias, livros, etc, etc, de tudo há lá nos fundos do mercado municipal cuja estrutura veio da Inglaterra e em torno do qual a terra de Cesídio desenhou sua urbanidade.


Certa vez eu e Zé Carlos Sebe pensamos em produzir um documentário sobre o mercado e o Zé fez alguns

estudos históricos interessantes sobre aquela região da cidade. Seria muito legal de nossa parte contar um pouco do significado daquele complexo cultural que foi durante muitos anos o pulmão econômico de toda a comunidade.

Quem sabe o mestre Zé resolva abrir seus arquivos...

A feira da breganha enfeitçava minha cabeça. Achava aquilo uma coisa muito digna, muito honesta. O que não serve pra mim pode servir pra você. Essa

é a lógica da fraternidade.

Compus uma canção para a breganha e aí vai a letra pra vocês curtirem e irem conhecendo um pouco mais dos aspectos fascinantes da terra de Emílio Amadei Beringsh. 



Feira de trocas

*Feira de trocas
Coisas velhas pelo chão
Onde o que já foi usado
Tem alguma servidão
Coisas da guerra
Relíquias da minha terra
Peças de grande valor
Dos tempos do imperador*

*Porta retrato
Chave velha, livro antigo
Medalhão de um santo amigo
Ou um pinho feito à mão
Revistas vistas
Quadros de um vulgar artista
Alianças no valor
De um adeus, paga do amor*



*Tudo se troca
Nessa feira da cidade
Troca-se amor por saudade
Solidão por matrimônio
Laço de fita
Vale uma moça bonita
Um amigo uma prosinha
Por um pecado um perdão*

*Mas não procurem
Quer por dor ou por vaidade
Nos artigos dos feirantes
Encontrar felicidade*



**"Servindo você com qualidade,
respeito e confiança desde 1973"**



Av. JK, 701 - esquina c/ Av. da Saudade, 190 Taubate-SP
petroval@uol.com.br tel.: (12) 3632-9433 fax.: (12) 3632-9678

Merencória

Começo dos anos 1970 foi quando eu passei a me sentir mais integrado ao mundo artístico de São Paulo. Vivíamos um período de muita repressão política e eu tinha a nítida impressão de que poderia não voltar pra casa, caso um militar qualquer me achasse com cara de subversivo. Esse tipo de avaliação, partindo de um sujeito nitidamente despreparado para qualquer tipo de análise psicológica, era perigoso e assustador. Principalmente para um cara como eu, que resolvera adotar uma estética hippie. Mas havia um detalhe a meu favor: eu era contratado da TV Tupi. A Tupi era a TV mais vista no Brasil e eu estava no ar pelo menos duas vezes por semana em programas de grande audiência, o que me dava

grande visibilidade. Isso ajudava porque os próprios policiais, quando me viam andando pela rua, comentavam que haviam me visto no programa tal.

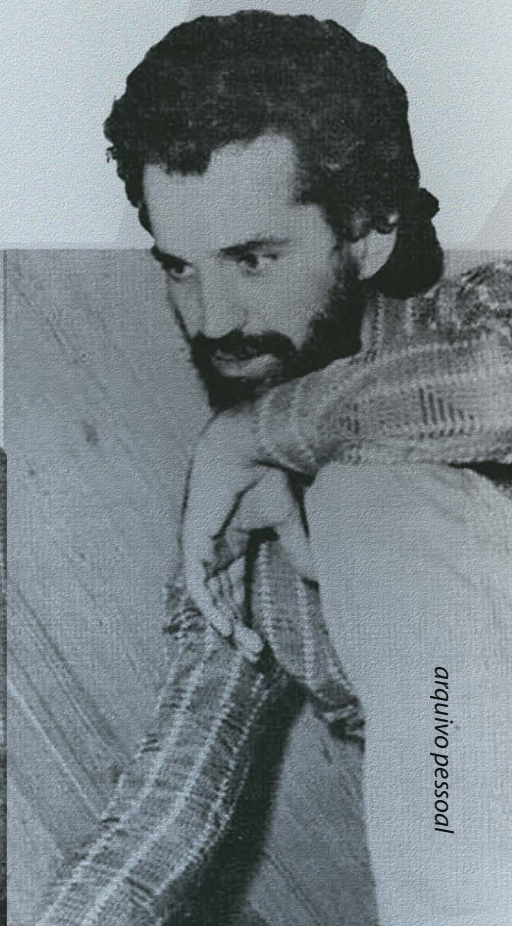
A cena musical era densa e muito imperativa; a bossa nova colhia os frutos da glória; Tom gravando com Sinatra e "Garota de Ipanema" sendo uma das canções mais tocadas no mundo em todos os tempos.

Havia também a meteórica ascensão do Chico Buarque e a intrigante proposta tropicalista de Caetano e Gil. O pessoal das antigas, aqueles da Rádio Nacional, perambulava generosamente pelas noites paulistanas. Conheci todos e todos me davam atenção. Cheguei a participar de uma gravação da música "De Babado" do Noel Rosa, ao lado de mitos como Ismael Silva, Herivelto

Martins, Zé Kéti, Orlando Silva que, com cinquenta e poucos anos, já parecia um ancião, o elegantíssimo Ataulfo Alves e o eterno Cauby Peixoto. Entrei no grupo porque alguém havia faltado e eu era o único com smoking que sabia cantar o verso do faltoso.

Mas, naquele momento ainda não havia encontrado meu caminho, não havia ainda achado meu jeito de dizer as coisas. Apenas sentia uma grande energia me levando na direção de algo que me diferenciava dos outros. Talvez por ser taubateano, eu nunca quis ser apenas mais um. Queria acrescentar alguma coisa na sopa da música.

As valsas brasileiras eram minha praia. Quarta geração de uma família de valsadores apaixonados, eu dominava com certa tranqüilidade os segredos




desse tipo de composição.

Então, dentro dessa sopa musicalmente substanciosa onde me encontrava, compus a valsa "Merencória", que era uma definitiva declaração de auto entrega ao improvável. Com ela,


eu me desprendia de Taubaté e me lançava ao mar. Sem dúvida, uma canção arrancada lá do fundão da alma.

Ellis, quando gravou "Romaria" e "Sentimental eu Fico", só não gravou "Merencória" porque três músicas de um

só autor lhe pareceu exagerado naquela altura do campeonato onde havia milhares de outros autores querendo entrar no disco.

Para os amigos do CONTATO, aí vai a letra de "Merencória". 

Merencória



*Lá
Na casa dos meus pais
Uma janela aberta
E o mundo na cabeça
Foi o que bastou
Vim
Na mão um violão
Na boca a voz ingênua
Insinuando fraca
Coisas que eu dizia
Com o coração
Ah,
E o que ficou pra trás
A Rádio Difusora
E o supermercado
Onde eu trabalhei*



*Mas
Tomada a decisão
Tratei de esquecer
Da capital do Vale
A terra de Celly
A minha Taubaté

E a vida que se deu
Foi bem melhor
Vi
Que até então
Eu simplesmente não vivi
Sou agora a merencória flor
Que se acabou
E deu lugar
À luz angelical
Acrílica do amor*



Spell[®]
COMUNICAÇÃO VISUAL

(12) 3621.1800

www.spellvisual.com.br

Av. Charles Schneider, 102/152A
Taubaté - SP

15 anos de Qualidade e Confiança



Álbum de família

Quando eu me instalei em São Paulo e comecei minha carreira de compositor, Walter Silva, o famoso DJ Pica Pau, era o cara que me orientava. Sem ele a história teria sido bem mais difícil porque, além de super bem relacionado e capacitado a abrir muitas portas, ele era um desses camaradas completamente apaixonados por música.

Gostava de descobrir gente nova. Havia levantado a carreira do Chico Buarque e fora ele quem colocara a Ellis no olho do furacão. Sem contar os espetáculos que produzia nas universidades e no Teatro Paramount, que ditavam tendências. O Walter foi fundamental para a história recente da MPB.

Não demorou nem um mês e eu já circulava no melhor espaço musical da cidade com certa desenvoltura, afinal eu era uma nova aposta do grande lançador de talentos. Ele articulou para que eu fosse contratado primeiro pela recém inaugurada TV Bandeirantes que produzia musicais sofisticados e depois pela TV Tupi, sem dúvida a grande rede daquele momento.

Walter gostava da minha maneira interiorana de compor e adorava o fato de eu ter vindo de Taubaté completamente cru e enrolado numa espécie de timidez bem característica daqueles que precisam conhecer melhor o território onde terão que pisar dali pra frente. Por sua influência, os jornalistas começaram a falar de mim como o rapaz que viera de Taubaté em busca do sonho de ser cantor.

Um dia o Walter chegou com uma conversa sobre um tema musical para ser composto. Imaginava como seria "cantar" a sensação de se abrir um álbum de retratos e passear por todas as lembranças fotográficas de uma vida.

Os álbuns eram muito mais difíceis de serem montados porque não havia ainda a facilidade das câmeras digitais. E era uma coisa cara porque envolvia filmes, revelações e tempo, muito tempo, entre o click e a foto final estampada no papel. E havia também a imagem muda e silenciosa. Imagens inertes e mortas, zumbis viajando pela eternidade. As fotos, sob esse aspecto, são assustadoras. Vendo uma de meu avô jovem, pensei com que direito a máquina capturou

aquele sorriso calmo que está ali até hoje, mesmo que seu dono já tenha virado o pó da terra? Teremos o direito de capturar a espontaneidade de uma pose e perpetuá-la? A pose é um fragmento que não pode contar uma vida. A pose é só um gesto que fica.

O Walter queria uma música que falasse disso, um álbum de família sonoro; e me pediu que compusesse a canção.

Talvez nem fosse eu o autor mais indicado para a missão porque aos 22 anos não tinha muita coisa para lembrar. Além disso, os álbuns de fotos que me diziam respeito nem haviam sido montados por mim; eram objetos familiares que habitavam os guardados de meus pais. Quem sabe um compositor das antigas fosse mais indicado para essa missão. Mas isso não era um problema meu e eu fui correndo para casa de meu Tio Osmar, na rua Alves Guimarães onde eu morava em Pinheiros, e parti para o ataque.

A encomenda feita a mim trazia uma informação importante para quem como eu começava a trilhar a carreira de compositor: a canção, qualquer canção,



ao ser criada, possibilita ao autor ser o que ele bem entender. Não precisamos ser um velho para falarmos de coisas do passado. O autor tem a idade que quiser e pode inventar mundos sem limites. Os próprios equívocos que às vezes a imaturidade nos impõem, soam como licenças poéticas desde que o verso seja bom e convincente.

Assim criei *Álbum de Família*, apoiando-me logicamente nas minhas recordações taubateanas.

Acabada a composição, fui correndo mostrá-la ao Walter que chorou muito ao ouvi-la; durante anos, *Álbum de Família* foi uma espécie de carro chefe do meu repertório. Muita gente ficava admirada como um rapaz de 22 anos conseguia falar assim com tanta poesia do tempo de uma vida.


Acontece que, analisando bem a letra, reparo que as memórias descritas são profundamente juvenis e que um observador atento, se quiser, vai sacar a generosidade da poesia que se articula de maneira gentil para que eu não tenha necessariamente que ser um veterano para falar sobre um assunto tão devastador como o tempo da vida. Quer tentar? **C**

Álbum de família

*No álbum de família
Vejo a vida e me espanto
Pois não compreendo
Porque ela correu tanto
Na manhã da vida
Tinha a alma ensolarada
Tudo era um querer
De querer tudo
E sem querer
Não querer nada*

*Triste do retrato
Que saudoso rememora
Minha ingênua farda
De soldado da escola
Hoje já não tem
Aquele mesmo resplendor
Pois passou o tempo,
E ele também perdeu a cor*

*Ah, doce lembrança
Que me invade sem receio
Ouço a gritaria
Da hora do recreio
As meninas anjos
A trocar por suas prendas*

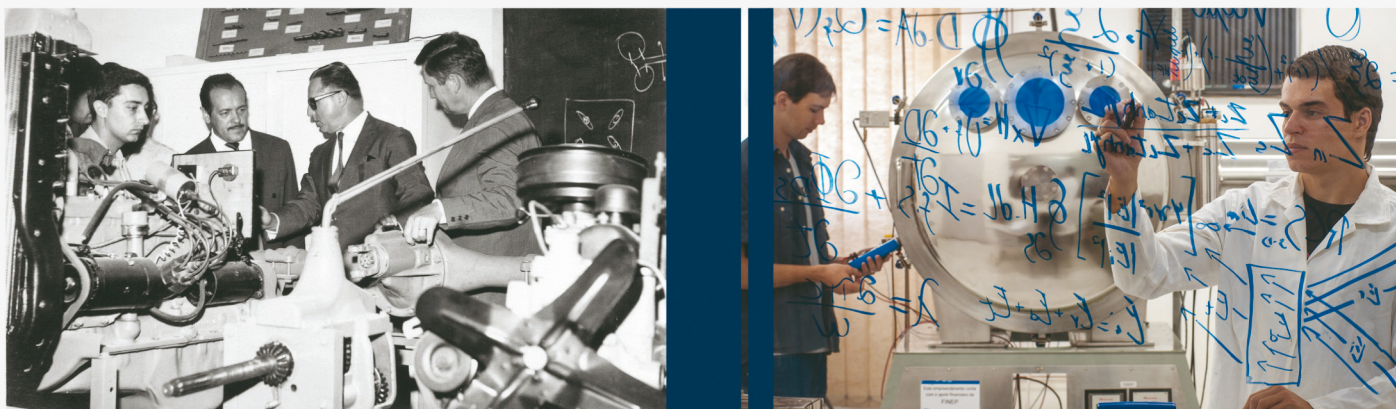


*Um beijo no Zé Gordo
Entretido com a merenda
Ana sabe tudo
Era a minha namorada
E eu por minha vez
Era um perito em saber nada
Dura a taboada
Com seu complicado enredo
Nela eu aprendi
Como se faz contas nos dedos
Nove vezes nove
Quase que me bota louco
E hoje o resultado
Deus do céu
Vale tão pouco
Nada mais existe
Do menino aprendiz
Que levou a sério
O que todo mundo diz
Desbotou com o retrato
Aquele alma ensolarada
Tudo que é querer se foi
Ficou o querer nada*

**Parabéns Taubaté pelos
367 anos contribuindo para a
evolução econômica de nosso país.**

Tremembé
Química que nos une.

www.tiq.com.br



UNITAU CELEBRA 50 ANOS DA ENGENHARIA

OS CURSOS JÁ FORMARAM, JUNTOS, MAIS DE 6 MIL ALUNOS E CONTINUAM ENTRE OS PREFERIDOS DA NOVA GERAÇÃO

Um dos mais antigos e tradicionais cursos da Universidade de Taubaté (UNITAU), a Engenharia, completa, em 2012, 50 anos de sua criação. Lançadas em 1962, as graduações das áreas de Civil, de Mecânica e de Elétrica já formaram mais de 6 mil alunos. E, até hoje, os cursos na área figuram entre os mais procurados dos vestibulares.

A trajetória do curso começa com a criação, pela Associação Civil de Ensino, da Escola de Engenharia de Taubaté (EET), em 4 de agosto de 1962. A EET foi a segunda instituição do Vale do Paraíba a oferecer formação superior na área. A partir de 1976, com a implantação da UNITAU, a Escola passou a integrar a Universidade.

O começo foi marcado por desafios, como falta de alunos, de estrutura e de reconhecimento da sociedade e de setores públicos. A primeira turma de formandos contava com apenas dez estudantes, número que se multiplicou nas décadas seguintes.

Para superar os obstáculos do início, alunos, professores e funcionários se

empenharam para garantir a existência e a consolidação dos cursos. Estudantes ajudaram a projetar obras nas sedes e docentes chegaram a doar aulas para garantir a compra do *campus* da Juta, atual sede dos cursos de Mecânica e de Elétrica.

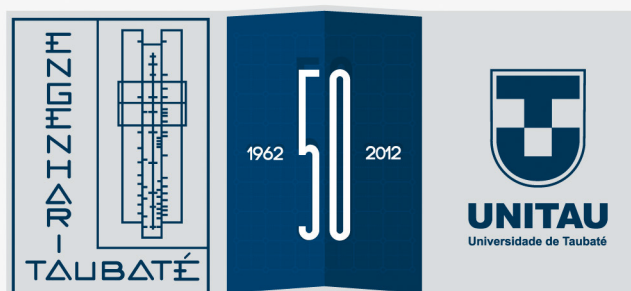
A estruturação dos cursos aconteceu com maior força nas décadas de 1980 e 1990, com o desmembramento das sedes das três graduações e de suas grades curriculares, com o aparelhamento de laboratórios, com o ingresso da pesquisa na rotina dos estudantes e com a abertura de novas graduações. Atualmente, a UNITAU oferece 13 cursos numa grande área denominada Enge-

nharia e Produção.

Também tem origem na Engenharia o Colégio UNITAU (Escola de Aplicação Dr. Alfredo José Balbi). O embrião da Escola é o Colégio de Aplicação, que funcionou de 1969 até 1979 como extensão da EET, com a oferta de cursos da área de Engenharia para alunos de Ensino Médio.

Na caminhada histórica da Universidade de Taubaté, os cursos da Engenharia se tornaram, seguramente, um patrimônio acadêmico, devido aos caminhos por eles percorridos, sempre pautados na ética e no profissionalismo.

Parabéns a todos que ajudaram a construir essa história de sucesso.



A primeira vez que fui ao Rio

Quando trabalhava no DAEE, meu pai ia regularmente ao Rio de Janeiro tratar de negócios numa secretária. A ida ao Rio era um momento bastante interessante no dia a dia familiar porque o Rio era o Rio, uma cidade charmosa onde a vida parecia sorrir eternamente, como aquele Rio da Rádio Nacional, do carnaval, da bossa nova, das lindas praias... das chanchadas da Atlântida! Lembro que eu sentia o maior orgulho de meu pai todas as vezes que ele fazia essa viagem.

Viajar para São Paulo era mais comum. Eram viagens quinzenais e duravam apenas um dia. Gostava delas porque no retorno sempre havia uma lembrancinha. Mas o Rio de Janeiro era algo especial. Duravam dois, três dias e meu pai sempre voltava com muitas histórias. Ele adorava ir aos teatros de revista e nunca me esqueço do dia em que ele voltou contando que assistira um espetáculo com Grande Otelo, onde o grande ator ficava olhando por mais de cinco minutos para a plateia sem mover um músculo do rosto sequer. No segundo minuto começavam os risos e a cena terminava num acesso de riso coletivo com gente passando mal de tanto dar risada.

Lógico que havia também os comentários sobre as belezas em trajes miúdos. Virginia Lane era uma das preferidas; as pernas perfeitas e aquela cara de menina safadinha, levavam os sérios varões familiares à loucura.

Recentemente tive a honra de conhecer a antológica vedete que, entre outras coisas pelas quais passou na vida, destaca-se a amizade colorida com Getúlio Vargas. Estava a admirá-la, já uma senhora com mais de oitenta anos e ainda muito bela, quando ela vem em minha direção e se diz admiradora de meu trabalho; naquele momento meus olhos marejaram completamente. Na vida existem esses pontos convergentes que possuem a magia de ligar épocas e eliminar o tempo.


Mas, voltando às viagens de meu pai ao Rio, eis

que um dia, sem mais nem menos, ele nos comunica que eu, por ser o filho mais velho, seria o primeiro a ir com ele para a cidade maravilhosa. Numa segunda oportunidade iria o Roberto, meu irmão. Confesso que só de lembrar esse momento, fico arrepiado até hoje.

Assim, numa linda manhã, partimos numa rural verde pilotada pelo senhor Wilson, uma pessoa absolutamente simpática, com uma voz Armstrong,

sorriso também, e pai do Diogo, meu colega no Estadão!

Foi uma viagem inesquecível, e somente uma canção poderia dar conta da emoção do que foi aquilo. Dias para a vida toda!

Um dia, voando para conhecer Nova Iorque, fiz as devidas comparações e concluí que lugar algum da terra que eu viesse a conhecer me faria sentir a emoção que senti naquela primeira vez que eu fui ao Rio... 

A primeira vez que fui ao Rio

*Certa manhã
Quando o sol mostrou a cara
Nós pegamos nossas malas
E eu fui conhecer o Rio
Eu e meu pai
Numa Rural já bem usada
Nos pusemos na estrada
Muito longa
Que nos leva ao Rio de Janeiro*

*Eu tinha lá
Meus quinze anos de idade
E era tanta a ansiedade
Que eu nem consegui dormir
A noite que
Precedeu nossa viagem
Foi noite de vadiagens
Pela imaginação
...fala baixo, coração!*

*Nos hospedamos
Num hotel muito elegante
Em plena Praça Tiradentes*

*Pois meu pai quis mostrar
Primeiro a parte
Da cidade que é cigana
Depois sim, Copacabana
Onde eu fui vestindo um terno
Passear em frente ao mar*

*À noite
A gente conheceu a Cinelândia
Com todo nosso recato
Fomos só apreciar
Antes do sono
Nós ficamos conversando
Sobre o medo que se sente
No bondinho
Um jeito muito carioca de voar*

*Foi muito curto
O nosso tempo de estadia
Mas valeu por muitos dias
De coisas pra conversar
Pra gente que
Leva uma vida mais tranquila
De um jeito quase caipira
Ir ao Rio de Janeiro
É o mesmo que flutuar...*



O turco do mercado

Meu pai tinha amigos influentes em Taubaté com quem havia estudado na mesma classe nos tempos ginasianos. Theodorico de Oliveira, meu avô taubateano, havia ficado viúvo e internou meu pai no Diocesano. Zé Dias, Tinho Dias, Nilo de Mattos, eram na minha impressão infante-juvenil, talvez os mais queridos. Foram eles que organizaram a vinda de meu pai de Ubatuba para que eu e Roberto pudéssemos ir para o ginásio.

Naquela altura do campeonato entra em cena outro personagem marcante na vida familiar dos Teixeira de Oliveira: Herculano do Livramento Prado. Não me lembro de ter conhecido na vida pessoa mais elegante e gentil que o doutor Herculano. Foi ele quem deu a decisão final para que mudássemos de vez para a terra de Jaurés Guisard.

Eu tinha entre dez e onze anos de idade e este foi o primeiro grande evento que me aconteceu na vida. Se para meus pais era uma questão de adaptação a uma nova cidade, para mim era o começo de uma vida. Até então vivera comodamente no conforto da condição de menino. Era como se eu finalmente entrasse no jogo. A partir dali eu já teria alguma autonomia para ir sozinho até o armazém, por exemplo.

Minha chegada se deu na praça do mercado onde antigamente existia uma parada de ônibus. Era ali que aportavam os possantes veículos do Expresso Rodoviário Atlântico. Hora do almoço, sol a pino, um certo alvoroço e aquela inesquecível variação de sabores e temperos de comida

pairando no ar e substituindo aos poucos o cheiro de óleo diesel impregnado nas narinas empoeiradas dos viajantes daquele tempo. Era 1960.

A primeira visão que tive da cidade no momento em que lhe pus os pés, trago até hoje desenhado na lembrança. Na calçada à esquerda, descendo até a parte frontal do mercado, enfileirava-se uma sequência de lojas de armarinho que pareciam emergir de mundos que eu sequer supunha que existissem. Eram os turcos do mercado e suas lojas semiescuras com quilômetros de tecidos enrolados e que, quando expostos aos clientes, produzem um dos sons mais agradáveis que já ouvi na vida.

Em Ubatuba não havia uma parede daquelas. Lá na praia as coisas não me pareciam tão sérias. Aquela parede de lojas com vestidos expostos e barris repletos de mostruário de panos coloridos, hoje na memória, não tem cor. Lembro de tudo em preto e branco. Pra começar, nem eram turcos. Eram sírios libaneses. Para nós eram todos Salim, e pronto. Passávamos longe das questões étnicas.

Ali viveu e ali conheci meu irmão Zé Carlos Sebe. Lembro dele descendo a escada do sobrado segurando seus livros. Já era um craque, pois a escola, o conhecimento e a cultura sempre lhe caíram como luvas.

Mas aquela visão das lojas dos turcos, com o passar dos anos, foi ganhando uma aparência épica porque eu comecei a bordá-la com detalhes que, com o tempo, somaram-se e acabaram construindo um grande painel que simboliza o princípio

de tudo, o começo de uma paixão, de um destino, de um sentimento.

Compus uma canção impregnada de fantasias e deduções poéticas inspiradas nessa primeira visão que tive das terras do Visconde de Sabugosa. **C**

O turco do mercado

Salim

O turco do mercado

Vende tecidos

Vende relógios

Vende anéis de noivado

E na cidade todo mundo diz

Que um turco só põe o nariz

Onde houver lucro assegurado

Salim

O turco do mercado

Já foi mascate

Foi alfaiate

Candidato a deputado

E de aventura em aventura

Um dia a sorte lhe sorriu

E ele simplesmente se serviu

Foram-se os tempos

Das vacas magras

Salim rebanha

Contas bancárias

Filhos doutores

Muitas amantes...



As garotas do TCC

Uma das conclusões definitivas à qual cheguei na vida é a de que sem o TCC talvez eu não tivesse sido tão feliz quanto fui em Taubaté.

Nunca olhei para o tradicional clube da rua das Palmeiras como um exclusivo local da elite taubateana, porque uma das melhores coisas que a cidade fez comigo foi me manter a uma distância razoável de qualquer tipo de preconceito social.

No TCC vivi momentos inesquecíveis; curti como ninguém o nosso glorioso time de futebol de salão comandado pelo saudoso e inesquecível Gino Consorte e que, sob a maestria de Celinho e Mario Celso, foi e será para sempre o maior time de futsal da história porque foi o primeiro a atingir o padrão de jogo que hoje vemos.

No clube, eu praticava esportes e era para lá que eu ia todos os dias para ler A Tribuna, na mesinha do corredor de entrada, e aprender com Cesídio Ambrogi, na sua gloriosa coluna "Samburá de Cipó Chumbo", as artes de versejar.

E o que dizer do primeiro espetáculo musical de que eu participei chamado de "Samba em Três Tempos", montado por mim, o Hernani Shicker, Murilinho Mendes, Regional do Carioca, Skema Um, o Romeuzinho Simi, meu irmão Roberto e com a apresentação de meu inesquecível primo Cícero Simonetti, um dos mais puros "Teixeira" que já existiram. Cícero era Filho de Bebê, irmã de Jacy, minha mãe.

O "Skema Um" era formado pelo Murilo Mendes ao piano, o grande Augustinho Arid na bateria e Mário Mendes, irmão de Murilo, no contrabaixo. Eu era apenas o cantor porque nunca fui músico suficiente para encarar meus três companheiros, todos eles artistas de alto nível e que me acostumaram a querer trabalhar sempre com os melhores.

Tínhamos também a retaguarda afetiva do mestre Walter Arid, o *bandleader* do maravilhoso conjunto de bailes OK, aquele que nos fazia dançar e que, por ser irmão do Augustinho, olhava pra gente com muito carinho.

O "Skema Um" tocava com grande competência no *grill room* nas chamadas brincadeiras dançantes. Ter participado de um trabalho de tão alto nível quando ainda morava em Taubaté, me enche de orgulho.

Foi também no TCC que, num baile no mês de Junho, fui com um *summer* emprestado do Toninho Abud, grande amigo de meu pai, e mal havia entrado no ginásio me confundiram com o garçom. Saquei que o traje não era adequado e dei meia volta. Hoje, pensando bem, concluo que entre nós, músicos e garçons, quase não existe diferença. Nossa missão é servir a todos aqueles que estão precisando de um pouco de lazer e bem estar.

No TCC assisti Lima Duarte com o espetáculo Opinião, vi e ouvi Nara que me deu seu endereço para que eu lhe escrevesse (e eu escrevi, ela respondeu e eu tenho a carta até hoje), vi e ouvi Geraldo Vandré acompanhado pelo Quarteto Novo e ainda pude ver e ouvir aquele famoso *happening* do Gil no salão nobre, numa linda manhã de domingo. Lá eu cruzava com Tony Campello, mas não tinha peito de chegar nele, que já era um mito.

O mais interessante desse "tempo TCC" da minha vida, entretanto, não se resumia só nesses acontecimentos marcantes. O clube significa um momento da minha vida onde meus pais tomavam conta de mim, cuidando para que nada me faltasse.

Já era praticamente um adulto, mas não possuía talão de cheques e nem tinha que me preocupar com o custo de vida. Era tudo um mundo de delicadeza e bem estar. Eu era uma espécie de Sidarta caipira, um pequeno Buda protegido pela sociedade amável onde eu vivia. Eu podia delirar à vontade e foi isso que nutriu minhas vocações de compositor.

Quando compus a canção "As Garotas do TCC", acredito ter conseguido representar poeticamente a leveza e o descompromisso existencial daquele momento onde tudo flutuava com graça e lógica. **C**





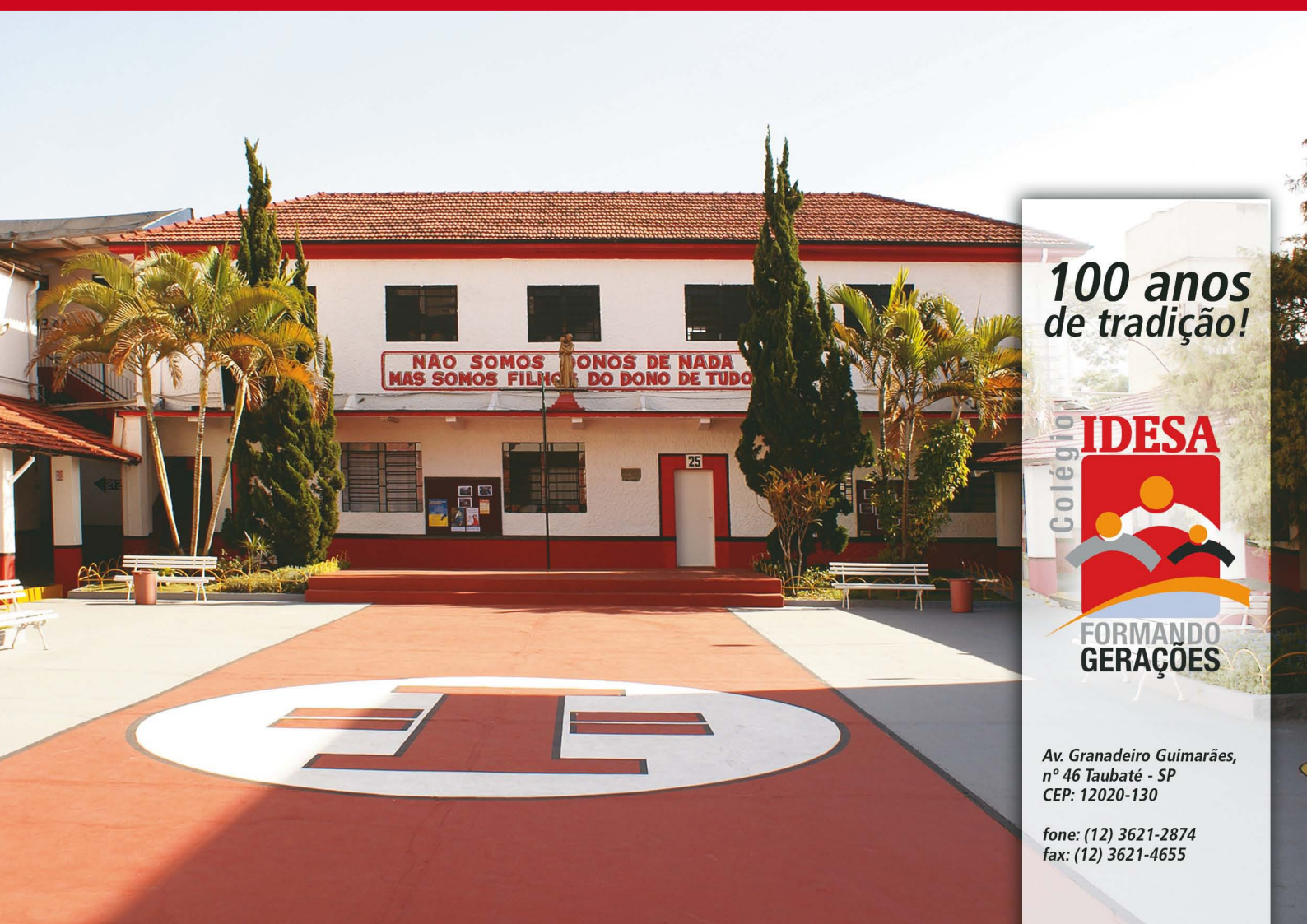
As garotas do TCC

*Não quero contar histórias
Se você diz que eu menti
E nem quero cantar moda
Se você não quer ouvir*

*Eu quero mesmo
É que a paz nos leve pelas mãos
E que o inverno
Não leve o verão
Na noite clara
A lua e as estrelas
Vejo um disco voador*

*A gente vive
Um universo imenso
De decepções
E naufragamos nas opiniões
Mas uma coisa é bom esclarecer
Hoje beijamos bem melhor*

*Em Ubatuba
A gente era a sombra e a luz
Em Taubaté, a vida me seduz
Entre as garotas
Lá do TCC
A escolhida foi você*

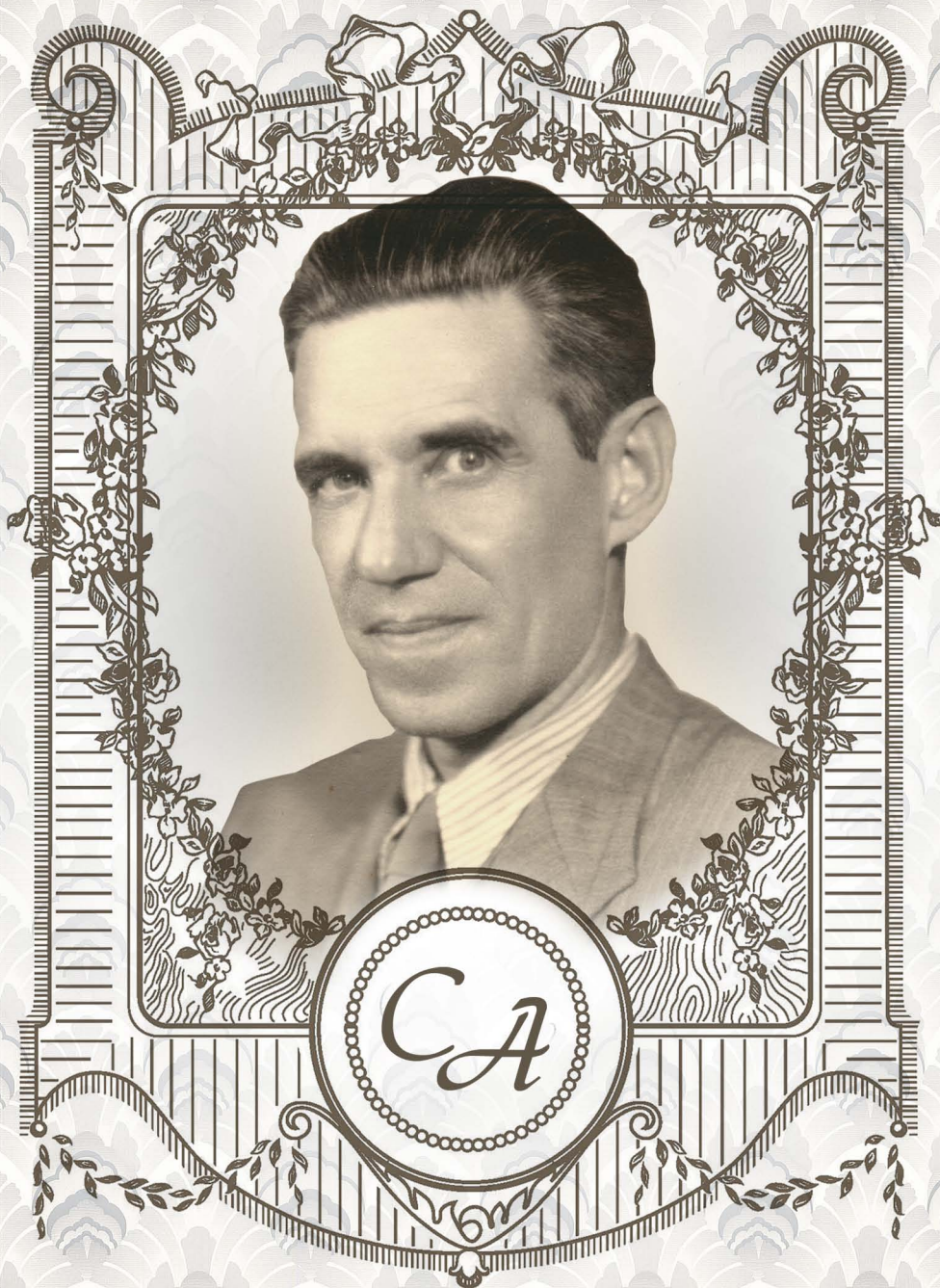


**100 anos
de tradição!**



Av. Granadeiro Guimarães,
nº 46 Taubaté - SP
CEP: 12020-130

fone: (12) 3621-2874
fax: (12) 3621-4655



Cesídio Ambrogi, você!

"...a poesia dessas praias alvas e serenas, sombreadas de caminhos; o abafado marulhar das ondas pelas areias; tudo isso faria bem e faria mal ao seu espírito emocional"

Esse é o trecho de uma carta que minha tia Edith Teixeira escreveu de Ubatuba no comecinho do ano de 1936 para Cesídio Ambrogi, numa evidente rota de paquera com o ilustre poeta taubateano nascido em Natividade da Serra, a quem ela se refere como *DD*. *Lente do Gymnasio* do Estado. Ela encerra a linda

missiva se dizendo "agradecida pelos votos de felicidade em 1936, retribuo rogando a Santa Therezinha que reparta aquelas bênçãos; metade pra mim..."

Da carta que Cesídio enviou para Edith, não se tem notícia; mas que estava rolando um certo "clima" entre eles, disso eu não tenho dúvida. Tanto que ela começa a

cartinha dizendo de sua felicidade por ter recebido a dele, postada em 26 de dezembro de 35 e recebida dia primeiro de janeiro de 36. Edith confessa sua felicidade ao recebê-la na paz silenciosa da cidade morta (Ubatuba de então) e no recolhimento modesto do seu lar, a inesquecível casa de minha avó Paula e de

meu avô Jango.

Cesídio usou um poema do Vicente de Carvalho para seduzir a sensível donzela ubatubana que, além de cantar e tocar com grande competência, possuía um texto qualificado. "Tu moça, eu quase velho...", diz o poema de Carvalho. Edith comenta que "ouvira dizer que os poetas não envelheciam, que eram como as roseiras que quanto mais velhas mais florescem, mais encantam, mais perfumam."

Não sei como essa história acabou, mas minha tia, que já havia namorado Guilherme de Almeida, o príncipe dos poetas que foi delegado de polícia em Ubatuba, morreu solteira.

Por sua vez, Cesídio construiu sua lenda na terra de Lobato como poeta, jornalista e professor. Suas aulas de português permeadas por mentiras descaradas são parte da história afetiva de muitas gerações. Meu pai foi seu aluno e posteriormente fiquei sabendo que os Ambrogi tinham lá um certo parentesco com os Simonetti, que haviam se agregado à família Teixeira, enfim... posso dizer que tenho um parentesco afetivo com o mestre.

Mas minha relação com o

inesquecível professor não passa por nenhuma de outras circunstâncias que porventura poderiam ter nos aproximado. Minha relação com ele é profundamente poética. Nunca trocamos palavra e nem sei direito como ele soube de minha existência; a saudosa dona Ligia me disse certa vez que ele sabia sim que eu aprendera a rimar através de sua coluna, no jornal A Tribuna, e também recolhendo casos onde ele era sempre o personagem diferenciado, o protagonista. Mas nunca nos falamos.

Adoro aquela história de Cesídio com seu amigo Lobato. Ele tinha informações de que o glorioso escritor taubateano estava sendo indicado por seus pares para ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras; Cesídio então resolve encomendar um fardão para o amigo usar no dia da posse. Lobato reclamou dizendo que, pelo fato de serem amigos íntimos, o menestrel da rua Visconde do Rio Branco deveria saber que ele jamais aceitaria ser um imortal da Academia.

Poetas como Cesídio são fundamentais nas comunidades onde atuam. Seus

poemas são belos, envolventes e profundamente sarcásticos na maioria das vezes. Num deles, por exemplo, ele diz "que Deus é bom porque mesmo com os pés presos à lama da terra, o criador permitia que ele vivesse com a cabeça entre as estrelas". Adoro esse poema.

Minha admiração era um evidente caso de amor cultural. Sentia uma satisfação intelectual muito agradável quando, silenciosamente, nos cruzávamos.

Eu já trabalhava na Rádio Cultura, e da minha casa no Jardim Russi até a Rádio, eu passava em frente à residência azul e branca do professor poeta e ele sempre estava lá, na frente de uma máquina de escrever e com aquele jaleco branco de dar aula. A cabeleira era imensa e branquinha como é a minha, hoje em dia. Quando eu ia me aproximando da casa dos Ambrogi, tirava uma linha transversal do outro lado da calçada até a janela e ia atravessando a rua de viés e o mais lentamente possível para poder vê-lo por mais tempo.

Logicamente, Cesídio teria que fazer parte do meu repertório musical e foi assim que eu compus a canção "Cesídio Ambrogi, você". **■**

Cesídio Ambrogi, você!

*Príncipe dos sonhos
Domador de versos
Amigo leal da emoção
Dentro do seu peito
Uma voz suave*

Canta mansamente uma canção

*Cesídio Ambrogi, você
Faz com que minha cabeça
Viva entre as estrelas*

*Muitos trovadores
Vão aparecer
Mas nenhum fará como você
Basta uma trova
Basta uma mentira
Pra fazer a vida acontecer...*



UNITAU CELEBRA A EDUCAÇÃO! E TEM ORGULHO DE SER DE TAUBATÉ.



UNITAU
Universidade de Taubaté



Morro da Imaculada

Romeu Simi Júnior, Zé Demétrio e Romero Teixeira foram os caras que, de uma forma ou de outra, me mostraram o caminho que leva ao Morro da Imaculada. Meus amigos nunca foram meros consumidores da arte dos figureiros. Iam mais fundo, analisavam sob uma ótica mais sofisticada, mais comprometida com os conceitos que organizam a arte popular e seus porquês.

Demétrio, por exemplo, era um magnífico escultor e pairava soberano sobre as personagens, geralmente senhoras, que se dedicavam ao rico artesanato das graciosas peças moldadas no barro e depois cozidas nos fornos caseiros que fumegavam sem parar escurecendo as paredes das humildes casas.

Romero Teixeira foi viver em Taubaté por questões políticas. Vinha de Minas para trabalhar na agência do Banco do Brasil com a condição de se afastar da

ação política, que naquelas alturas do campeonato era uma ameaça perigosa, principalmente para um cara como ele, casado e com filha pequena. Romero faleceu tragicamente num acidente automobilístico na estrada de Quiririm. Era um pintor fantástico que interrompeu suas atividades por uns tempos quando viu pela primeira vez uma foto do Concorde, o supersônico que era, antes de mais nada, uma visão encantadora de todas as possibilidades que a arte do design passou a oferecer. Romero, por uns tempos, ficou em estado de choque. Depois voltou a produzir com a qualidade que foi sua marca. Tenho dois quadros dele que fazem parte do acervo de afetividades artísticas que a vida me deu.

Romeuzinho Simi foi meu guru taubateano. Meu pai achava que com ele eu corria o risco de virar comunista, já que se dizia isso dele aqui na cidade. Mas o Romeu sempre foi, antes de mais nada, um esteta e um grande arquiteto. Através

dele, vieram os livros de poesia, os discos de Pixinguinha e as músicas de Chico Buarque, com quem havia compartilhado os corredores da FAU, na rua Maranhão, em São Paulo, nos tempos de estudante. Romeu era uma espécie de luz intelectual que me ajudava a ver o caminho.

Eu e esses três amigos subíamos sempre o morro para averiguar as últimas fornadas de dona Edwirges ou para encontrarmos com Viola, um outro personagem taubateano de grande valia, mestre no conhecimento da arte popular.


Sem dúvida, no meu tempo, o Morro da Imaculada era bem mais rústico, bem mais simples e desorganizado. Os preços que os figureiros cobravam por suas peças eram irrisórios e serviam para manter as coisas naquele estado precário. Mesmo sendo a maior expressão artística da cidade e já repercutindo inclusive no exterior, a arte de nossos figureiros era tratada

com o descaso característico que as cidades do interior costumam dedicar a tudo aquilo que não gera lucro material evidente. Como é bom constatar que tudo aquilo que era capaz de fazer o sujeito vender a alma por dinheiro simplesmente sumiu no tempo, enquanto a arte dos figureiros vai se transformando numa das referências

mais importantes da nossa cidadania.

Tenho a certeza de que ajudei com minha música a eternizar esse pequeno pedaço encantado da nossa cidade. Uma cidade precisa de um cantor que lhe cante os cantos, de um compositor que componha os seus contornos, de um contador de história que conte a todos quem somos, o que fazemos e o

que sonhamos.

Se você quiser pegar Taubaté nas mãos, vá ao morro da Imaculada e, como eu, deixe-se levar pelas cores vivas que são a marca desse povo caipira e criativo. Manuseie um pavão, observe a formação de uma folia de reis, deixe-se levar pela cena rural de um casamento na roça... seja feliz! 

Morro da Imaculada

*No morro da Imaculada tem
Divino, Congada
E Moçambique também
No morro da Imaculada a sorte
E daqueles que andam
Com os sinos de São Salomão
Figuras de sonhos
Que as mãos de Viola
Transformam em enfeites de cor
Singelos duendes
De um mundo de barro
Que dona Edwirges moldou*

*Eh, violeiro
Violai que é domingo
Imaculada
Tradição dos puros figureiros*

*Se chove no morro da Imaculada
As moças desenhavam
Com cinzas um sol no chão
Que assim a chuva vai logo embora
Deixando um arco-íris
Lindo pra enfeitar o céu
Corto-te sapo
Sapinho aranhão
Bicho de toda nação
Três brotos de
Alecim da Guiné
Para o que der e vier*



Imagens: MISTAU - Ernani Pereira - Maria Morgado de Abreu - Almanaque Urupês



ALMANAQUE
URUPÊS.COM

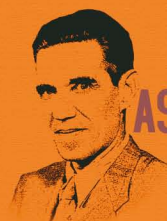
WWW.ALMANAQUEURUPES.COM

**IMAGENS, TEXTOS E VÍDEOS
SOBRE A CULTURA DO
VALE DO PARAÍBA**



**PAULO CAMILHER
FLORENÇANO**

100 ANOS



**centenário
AS MORENINHAS**
de cesídio ambrogi

E muito mais em 2013



No Vale

Nos meus anos *valeparahybanos* de tudo vi, não ousou dizer que “tudo aprendi”, porque há muito adotei a máxima socrática do “só sei que nada sei” como filosofia de vida.

Uma das coisas mais intrigantes do meu “lembrar” taubateano: nunca vimos discos voadores naqueles tempos. Ninguém; nem eu, nem o Júlio Guerra, nem o padre Evaristo, nem ninguém. Nem os bêbados. A conclusão a que chego é que por aqui os extras terrestres não chegam.

Pode ser que cheguem a Tremembé, mesmo que via Rádio Difusora num dos maiores engodos radiofônicos de todos os tempos quando um professor de matemática, cujo nome infelizmente eu não recordo, resolveu imitar Orson Welles e promoveu uma invasão de marcianos que parou a cidade e esvaziou o estádio do bosque num dia de jogo do Santos com Pelé e tudo. Felizmente, ninguém se suicidou se atirando das janelas como ocorreu nos Estados Unidos. Talvez porque

não tivéssemos prédios altos, bons para suicídios.

Como nada acontecia na área astronômica, a gente quase não falava sobre o improvável. Confesso que só ouvi falar na física quântica, por exemplo, quando já morava em São Paulo. Nem física quântica, vejam vocês!

Fatos estranhos, confesso que não me lembro de nenhum. Talvez aquela viagem da fanfarra do Estadão para Lorena quando nosso amado editor chefe resolveu subir no teto do trem em movimento e tocar fogo no vagão.

Alguns fatos, como a fuga do rapaz que emprenhou a moça e preferiu fugir, poderiam ser considerados “fatos estranhos”, mas hoje em dia as pessoas nem se casam mais... tem moça que engravida e nem sequer aos próprios pais revela o nome do inseminador.

Certa vez, uma grande amiga foi contratada por uma multinacional da região para desvendar o perfil psicológico do cidadão taubateano. Foram seis meses de trabalho que ao fim deixaram minha amiga em estado


de choque. Não vem ao caso entrarmos nos detalhes da pesquisa porque dez números completos do nosso Jornal seriam insuficientes para contar tudo. O fato é que minha amiga se internou numa clínica de recuperação para tentar continuar vivendo normalmente, como antes da pesquisa.

Minha amiga também ficou eternamente agradecida pelo fato de eu ter lhe apresentado o mestre Zé Carlos Sebe por quem ela desenvolveu uma admiração intelectual incontida. Confessou-me que, não fosse a lucidez do Zé, ela poderia muito bem afirmar que Taubaté fica em outro planeta.

Como vocês podem perceber, Taubaté tem um mistério que ninguém decifra e que, segundo Mayra, mulher do Tony Campello, se deve ao fato de a cidade estar pousada sobre uma imensa pedra que vai de Pinda a Caçapava, irradiando uma energia que mantém tudo em suspensão permanente. Talvez estejam aí as impossibilidades dos discos voadores na nossa cidade.

Eu não sou exótico e nem

quântico, pois ter que inventar música já satisfaz meus compromissos com os mistérios da vida. Acredito no que não vejo e aceito o que não é. Acho também que o que não existe pode vir a existir de uma hora pra outra. Tenho a certeza absoluta de que outras dimensões também estão por aí esperando a hora de entrar em cena. É tudo uma questão de tempo.

A minha Taubaté, aquela que eu habitei, continua viva, repercutindo em algum lugar do espaço, bem mais do que uma simples lembrança, uma coisa física bem real, palpável. O universo ainda não se revelou completamente para a humanidade. A nossa cidade ainda não é o que será e tudo o que já foi não deixará jamais de existir. Por isso estamos aqui, nós os humanos que rebanhamos almas e espíritos através das artes; para deixarmos claro que a jornada está apenas começando e o improvável estará sempre grudado em nós, esperando que o nosso querido e admirado Professor Marmo nos mostre o caminho. 

No Vale

*Lá onde tudo está
Ainda não é
Tudo o que será amanhã
Lá por onde eu passei
Ninguém vai chegar
Antes de viver
La não há
Quando eu vim da minha terra
Pela Dutra num fuscão
Eu só era uma camisa velha
Um sonho e um violão
E tudo que eu vivi
E tudo que sonhei
Eu trago guardado
No fundo do meu coração*

*Céu
Máquina geral
Outras dimensões
Aparecerão mais além
Não quero compreender
Eu só quero estar
Eu só quero olhar... e viver
Lá no Vale
De noitinha
Eu pegava um violão
E compunha umas coisinhas
Só e são
E tudo que eu vivi
E tudo que sonhei
Eu trago guardado
No fundo do meu coração*

Miss Jane

A casa de seu Nabi Farage ficava na Rua Quatro de Março, ao lado da casa da grande mulher taubateana, Dona Judith Mazzela Moura. Nabi era casado com Dona Altair Cambraia, e a casa dos Farage guardava, além do simpático casal, quatro graciosas filhas. Vinham de Barra Mansa e rapidamente se transformaram num alvo para toda a rapaziada adolescente que passou a fazer da casa de seu Nabi um *point* preferencial. Sheila e Denise, as mais velhas e Simone e Nádia, as mais novas.

Ali rolava muita festa e foi lá também que eu percebi o poder de sedução que tem um simples violão.

Seu Nabi, sabedor da responsabilidade que impõe o fato de ter quatro meninas lindas dentro de casa, mesmo que duas delas ainda pré-adolescentes, tratou logo de incentivar a moçada a frequentar sua casa. E, acreditem, essa é a melhor maneira de se manter o controle do rebanho. Além do mais, as pessoas que iam às festas e reuniões sociais faziam parte do que havia de melhor na sociedade taubateana daquela época.

Um dia, uma amiga de Sheila veio de Barra Mansa para passar um fim de semana. Era Jane. Quando coloquei os olhos nela, me apaixonei completamente e foi assim que eu conheci o amor. Queria me declarar, mas a timidez não deixava.

Em uma festinha na noite de sábado, dançamos de rosto colado e mesmo assim o goiabão aqui não conseguiu destravar. No domingo pela manhã, no TCC, cheguei para o Ivan Negrão, mais velho que eu só um pouquinho e bastante articulado, e pedi uma orientação. Confesso que não me lembro se segui as instruções do amigo, mas o fato é que, à noite, eu e Jane já passeávamos de mãos dadas.

Comecei a visitá-la em Barra Mansa, fim de semana sim, fim de semana não. Nosso namoro ia de vento em popa. Em Barra Mansa conheci pessoas encantadoras e inteligentes. Com meus amigos de lá montamos um clube do livro e tínhamos uma excitante vida intelectual, eu e Jane, participando de debates e conhecendo gente.

Foi lá que eu me encontrei com

o Gonzaguinha tocando violão num espetáculo meio subversivo apresentado na sacristia da igreja. Diziam que ele era filho do Gonzagão e a orientação era que não se falasse sobre isso. Anos depois entendi o porquê, quando o próprio Gonzagão me contou a história que eu inclusive já narrei pra vocês aqui na minha coluna.

Eu e Jane começamos a nos interessar fortemente por tudo que havia de interessante na cultura popular brasileira. Havia um cinema meia boca em Volta Redonda que só passava filmes de arte e foi lá que, deslumbrados, assistimos "Vidas secas", "A hora e a vez de Augusto Matraga", filmes Tchecos e Franceses e os primeiros do Glauber, pra mim o cara mais importante que existiu no Brasil.

Aos 18 anos, Jane já era uma pessoa culta. Tocava piano, falava inglês, conhecia como ninguém a mitologia grega e demonstrava grande vocação para as artes plásticas, às quais ela dedicaria sua vida. Trocamos mais de mil cartas durante nosso relacionamento, onde, além das



Visite nosso site: www.viapol.com.br

Construindo ou reformando
a Viapol tem os melhores produtos para proteger sua obra!



Parabéns
Taubaté
pelos **367** anos!

Uma escolha inteligente!

coisas corriqueiras, fazíamos análises profundas sobre a vida na ótica de dois jovens dispostos a entender os mistérios do mundo. Sem Jane, com certeza, eu não seria quem sou.

Infelizmente para mim e felizmente para ela, nossa relação acabou quando eu me mudei para São Paulo para ser o artista que, tanto eu quanto ela, já sabíamos que eu seria. Ela inclusive participou dos primeiros momentos, assistindo comigo a apresentação da minha música "Dadá Maria" no festival da Record de 67.

Os primeiros tempos foram totalmente difíceis e ela com certeza não teria resistido a tantas incertezas e dificuldades materiais que se tem no início de uma empreitada artística como aquela que eu havia decidido assumir.

Seu João Chiesse, seu pai, era um cidadão influente em Barra Mansa e dona Zulma, sua mãe, uma linda mulher envolvida com um conservatório musical e muita ação social. A família tinha uma qualidade de vida bastante confortável. Não seria justo levar Jane comigo para atravessar o período de escuridão que

veio a seguir.

O tempo passou e durante muitos anos ficamos sem nos ver. Depois, nos reencontramos e hoje eu e Jane estamos juntos não numa relação simples entre um homem e uma mulher; nós conseguimos, inteligentemente, unir dois pontos de pura afetividade onde constatamos que, mesmo distantes um do outro, os conceitos com que praticamos nossas artes são os mesmos. O fato de Jane ter estado em minha vida talvez no seu momento mais decisivo, faz de mim um cara encantado. ■

Miss Jane

*Olá miss Jane
Eterna paixão
Te mando esta carta
Escrita à mão*

*Saudade, saudade...
Saudade do violão
À noite tocando
Debaixo do caramanchão
Aline, Marcelo e Jesse
Carminha e Mirian
Nós todos no tempo
Ontem, hoje e amanhã*

*Saudade, saudade...
Até o dia amanhecer
A gente virava
A noite toda
Era um prazer
Na dança da juventude*

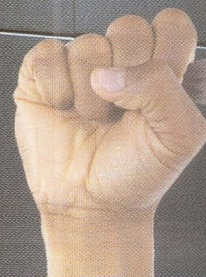


*De tudo se quer saber
Cinema, poesia
Começando acontecer*

*Saudade, saudade...
De tudo aquilo que é bom
Teremos pra sempre
Um rumo
Para onde irão
Os frutos que se for colher
O trem chegando na estação
Os livros, a lida
E os trilhos que nos levarão*

*Saudade, saudade...
De tudo que eu não esqueci
Pureza, revolta
A vida inteira é isso aí
Você conhece como eu sou
E eu sei como você é
Dois lados do vale
Barra Mansa e Taubaté*

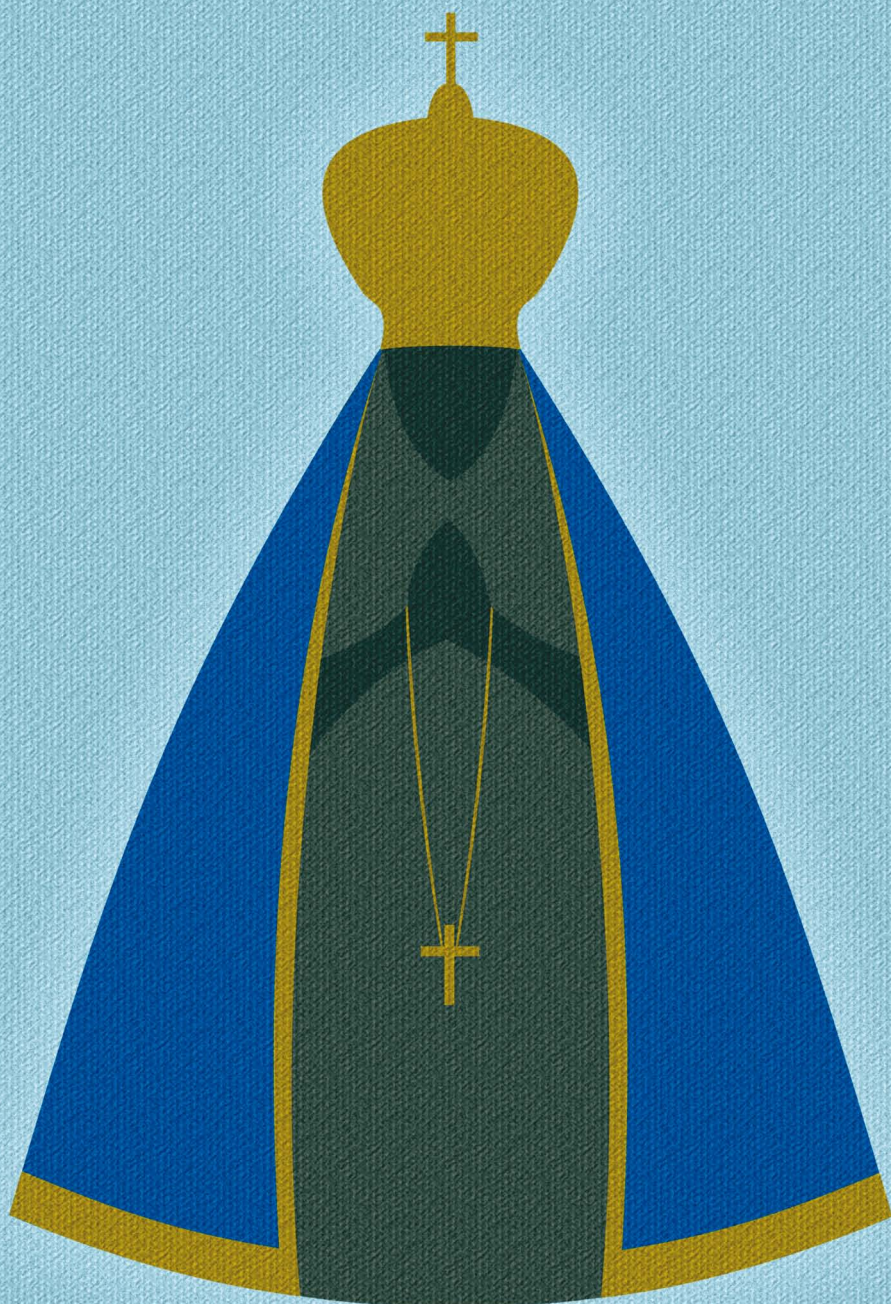
**ATENDIMENTO
TECNOLOGIA É
RESPONSABILIDADE
AMBIENTAL.
EXCELÊNCIA TOTAL.**



RESOLUÇÃO
INDÚSTRIA GRÁFICA

Excelência Total.
www.resolucaoografica.com.br
(12) 2125-1700

Romaria



Minha amiga Rose Saldiva, toda feliz ao telefone, me informava que, segundo suas pesquisas sobre o perfil do cidadão taubateano encomendado por uma grande multinacional, Romaria era identificada por noventa por cento da população como a “música da cidade”.

O fato de morar ao lado de Aparecida e sempre ir até lá me possibilitaram falar com naturalidade do romeiro e sua saga em busca do milagre. Acredito que, para pessoas que chegam de lugares mais distantes, a Basílica possa representar um sonho maior, o desejo de toda uma vida que se realiza, e as põem perplexas diante da grandeza e do poder da fé, representadas pelo magnífico templo que o povo ergueu para reverenciar a padroeira do Brasil.

Mas aqui, na terra de Lobato, Aparecida sempre será uma cidade familiar. Dos tempos mais frequentados, aqueles que vão até minha mudança pra São Paulo, ainda posso recordar, com muita transparência, a época em que os comerciantes enfeitavam a entrada de suas lojas usando velas dos mais variados tamanhos dispostas de modo a simular uma espécie de “porta para o paraíso” onde todas as nossas reivindicações depositadas aos pés de Nossa Senhora, seriam atendidas de uma forma ou de outra; bastava que pedíssemos com fervor e acendêssemos uma vela como prova da nossa gratidão.

E não poderia ser diferente, uma vez

Romaria

É de sonho e de pó, o destino de um só
Feito eu perdido em pensamentos
Sobre o meu cavalo
É de laço e de nó de gibeira o jiló
dessa vida cumprida a só

Sou caipira Pirapora Nossa
Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida

O meu pai foi peão, minha mãe solidão
Meus irmãos perderam-se na vida
Em busca de aventuras
Descasei e joguei, investi, desisti
Se há sorte eu não sei, nunca vi...

Sou caipira Pirapora Nossa
Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura
E funda o trem da minha vida

Me disseram porém
Que eu viesse aqui
Pra pedir em romaria e preces
Paz nos desaventos
Como não sei rezar
Só queria mostrar
Meu olhar
Meu olhar
Meu olhar...

que o povo brasileiro, na maioria das vezes, sempre foi atendido pela Mãe Santíssima nos momentos de maior precisão. A prova da eficiência da crença na Padroeira é o grau de satisfação dos fiéis que sempre voltam agradecendo as graças recebidas. Misteriosa e bela Aparecida do Norte.

A primeira vez que meu filho João viu a Basílica saltar à nossa frente depois de uma curva certa da Presidente Dutra, seus olhos cresceram como se ele estivesse precisando de mais olhos para satisfazer-se plenamente com aquela visão que invade o espaço adiante.

Muitos de nós ainda nos lembramos da imagem de Nossa Senhora Aparecida vindo nos visitar e sendo saudada na praça Dom Epaminondas com gritos de "viva Nossa Senhora Aparecida!!!!"... e o povo repetia "...Vivaaaaaaa!". Coisa muito linda! Saltam da memória as alunas do Bom Conselho em bandos, o perfume do incenso e das flores flutuando no ar, e o Catate vestido de príncipe.

Minha música Romaria não é um hino de louvor à Padroeira do Brasil. Minha canção é uma visão de quem está para cá dos altares, no meio dos fiéis que a saúdam.

Em Aparecida, eu vejo os Romeiros, aqueles que vão chegando finalmente ao grande momento planejado. Ir a Aparecida não é uma coisa banal; são fatos que se tornarão perenes e enriquecerão a memória familiar como um exemplo de humildade diante dos

mistérios da vida. Todos nós, em algum momento da existência, pensamos no quanto um milagre seria oportuno diante de certas situações pelas quais, às vezes, temos que atravessar.

Quando compus Romaria estava curtindo os poetas concretistas brasileiros. Décio Pignatari, os irmãos Campos e todos os outros ousadíssimos cidadãos que gostam de se parecer com bichos de sete cabeças. A poesia concreta é um atalho que, eliminando toda a lógica da forma de compreender que praticamos no dia a dia, nos deixa frente a frente com a origem de todos os nossos sentimentos. Sua "visualidade" contribui para que possamos criar uma nova concepção, um jeito mais complexo de compreensão.

Minha música teria também que soar como uma contestação; a cultura caipira não estava esgotada e superada como queriam nossos formadores de opinião.

Nada como algumas pitadas concretistas para mostrar que não éramos Jecas e que poderíamos andar lado a lado com as tendências mais avançadas, muito além da bossa nova ou travestidas de arte tropicalista, esta sim, intrigante e revolucionária, mesmo que repetindo muitas das ousadias que motivaram os modernistas de 22.

Elis gravou a música e o sucesso me surpreendeu completamente. Nunca pensei em compor algo fácil. Queria uma coisa mais sofisticada e a influência concretista deixava isso claro.

Num determinado momento, cheguei a duvidar da sofisticação intelectual que pensei ter colocado na letra. Será que errei? Mas a resposta veio na virada dos anos setenta para os oitenta, quando, fazendo uma retrospectiva da poesia musical da década que se encerrava, Augusto de Campos, um dos nossos maiores mestres concretistas, publicou na revista Veja que Romaria era a única obra da música brasileira naquela década elaborada sob a ótica do concretismo.

A interpretação da Elis me causou a sensação de que, com ela cantando, a música ficara finalmente pronta.

A canção também ajudou a reverter o abandono em que se encontrava a música caipira e sua história. Com Romaria sendo cantada pela Elis, o gênero se regenerou; com a entrada do Sérgio Reis, produzido pelo taubateano Tony Campello, e da dupla Léo Canhoto e Robertinho, conseguimos projetar um futuro mais generoso para a herança deixada por mestres como João Pacífico, Raul Torres e o nosso genial Anacleto Rosas Jr.

Meio que sem querer, eu cumpri uma missão pioneiramente taubateana: repaguei a música caipira dando a ela um perfil mais condizente com sua grandeza original, readaptando-a a uma linguagem, digamos, mais MPB e mais adequada aos tempos modernos.

Sua benção, mestre Theodoro Israel... mais uma vez, obrigado por tudo! ☐

Menina dos olhos azuis

reprodução

Renatinho Barbosa Lima foi um dos amigos mais queridos. Depois que mudei para São Paulo, era com ele que eu mais me relacionava em Taubaté. Havia entre nós uma grande identidade e seu humor me fazia bem. Ele sempre gostou muito das minhas músicas e me dava muita força.

O xará tocava violão e compunha. Desconfio que para ele o violão era a mesma coisa que para o Azzolini: um instrumento de sedução.

Certa vez, voltávamos de Ubatuba no seu jipe Candango quando decidimos parar em São Luiz do Paraitinga para a tradicional linguicinha.

Naquela época, novidade era a moçada deixar crescer os cabelos, costume que começava a chegar ao interior. Estávamos todos cabeludos dentro daquele jipe. E muito molhados, pois chovia. Com certeza nossa aparência fugia radicalmente dos padrões que a gente da cidade presépio estava acostumada.

Havia ali muitos lavradores vindos da roça para tratar de seus trens no mercado e no comércio em geral e que ficaram muito mal impressionados com aqueles forasteiros encharcados e cabeludos. Surgiu uma hostilidade básica que com certeza evoluiria para algo mais contundente se não tivéssemos pulado pra dentro do jipe e partido a toda velocidade para a rodovia.

Umã vez Renatinho me ligou feliz, pois fora convidado pelo lado (Carlos Eduardo Barbosa Lima), seu irmão, que acabara de ser eleito presidente do TCC, para assumir a função de diretor social do nosso clube. Até aí, nada demais. Acontece que, numa manhã de sol, supervisionando os acontecimentos sociais daquele dia, o xará ficou chocado com a quantidade de celulite que as nossas meninas exibiam na piscina. Resolveu, então, contratar uma esteticista para cuidar desse surto que feria sua aguçada sensibilidade clubística. Sem dúvida, um diretor competente.

Ele havia composto uma música com

o mesmo nome de uma outra, que eu havia feito: "Menina dos olhos azuis". Havia muitas meninas lindas de olhos azuis na nossa geração. Não vou nominá-las para não correr o risco de omitir o nome de alguma delas. Uma canção com esse título com certeza agradaria a muitas meninas bonitas.

Eu e Renatinho tínhamos mais coisas em comum: além de compor músicas com o mesmo título, éramos dois varapaus assumidos, magros como caniços, tanto que nos tratávamos por Mandruvás, que é um bicho bem fininho.

Meu amigo foi embora bem cedo, infelizmente. Deixou uma enorme saudade e agora, quando finalmente eu começo a gravar minhas músicas taubateanas, sinto a falta dele. Com certeza estaríamos falando sem parar desse projeto, como se fosse uma coisa de nós dois. Ele conheceu a maioria das canções que estou gravando e gostava muito de "As garotas do TCC", logicamente.

Quando compus "Menina dos olhos



Empresa de Pesquisa, Tecnologia e
Serviços da Universidade de Taubaté

gerenciamento financeiro de cursos de
PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
realização de
CONCURSOS PÚBLICOS
CONSULTORIA

www.epts.com.br
12 3632-2277

azuis" eu tinha uns quinze/dezesseis anos de idade e minha referência era sem dúvida alguma o grande ídolo da cidade e do Brasil, naquela época: Celinha Campello, ou Celly para os menos íntimos. Digo isso porque por várias vezes eu me deparava com a figura da nossa maior cantora sentada nas escadarias do Estádio estudando alguma coisa. O legal era que, na noite anterior, eu a vira ganhando um troféu


Roquete Pinto, ou participando de um daqueles programas da antiga Record.

Aquelas baladas da Celly mostravam para mim, de maneira simples, a lógica da composição. Eu me lembro perfeitamente que naquela ocasião eu começava a compor uma melodia e depois ia embora por ela num improviso que nunca acabava. Assim eu ia me familiarizando com a arte de criar músicas.

Em Taubaté eu tinha tudo que precisava

para ser um compositor. Referências, situações e histórias para contar.

"Menina dos olhos azuis", a minha, é uma canção simples e encharcada de influências da Celly. Por tudo que ela representa e pelo fato de ser homônima da outra canção de um amigo, que também era irmão, resolvi gravá-la.

Como já deixei claro, não vou revelar jamais quem é a "Menina". Quem se identificar, que vista a carapuça. 

Menina dos olhos azuis

Ao cair da tarde eu te espero
Com um buquê de flor a mão
Junto dele te darei meu coração
Bela menina dos olhos azuis

Mas eu te peço
Não me deixe nunca
Jamais
Pois meu amor é sincero
...e sincero demais!
Não me faça sofrer...



Altos do Cataguá



Cataguá Way
o bairro do seu jeito

**NOS ÚLTIMOS ANOS PRESENTEAMOS TAUBATÉ
COM BAIRROS QUE DEMONSTRAM TODO NOSSO AMOR PELA CIDADE.**


GUISARD
empreendimentos

GUISARDEMPREENDIMENTOS.COM.BR

EMPREENDIMENTOS QUE MARCAM

TAUBATÉ, 367 ANOS. NOSSOS IDEAIS VÊM DE BERÇO.



A Câmara Municipal nasceu junto com Taubaté.
E, desde o primeiro dia, trabalha pelo progresso
da cidade e bem-estar do cidadão.

